

FACULDADES EST
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

MARIA APARECIDA DE OLIVEIRA SOUSA

ECOPEDAGOGIA: PEDAGOGIA PARA A VIDA

São Leopoldo - RS

2018

MARIA APARECIDA DE OLIVEIRA SOUSA

ECOPEDAGOGIA: PEDAGOGIA PARA A VIDA

Trabalho Final de Mestrado Profissional
para a obtenção do grau de Mestra em
Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Área de Concentração: Religião e
Educação
Linha de Pesquisa: Ética e Gestão

Orientador: Prof. Dr. Valério Schaper

São Leopoldo - RS

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S725e Maria Aparecida de Oliveira Sousa
Ecopedagogia: Pedagogia para a vida / Maria Aparecida de Oliveira Sousa ; orientador Valério Guilherme Schaper. – São Leopoldo : EST/PPG, 2018.
81 p. ; 31 cm

Dissertação (Mestrado) – Faculdades EST. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2018.

1. Educação ambiental. 2. Sustentabilidade e meio ambiente. 3. Planejamento educacional. 4. Ética. I. Schaper, Valério Guilherme, orientador. II. Título.

MARIA APARECIDA DE OLIVEIRA SOUSA

ECOPEDAGOGIA: PEDAGOGIA PARA A VIDA

Trabalho Final de Mestrado Profissional
para a obtenção do grau de Mestra em
Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Área de Concentração: Religião e
Educação
Linha de Pesquisa: Ética e Gestão

Data de Aprovação: 20 de dezembro de 2018.

Valério Schaper – Doutor em Teologia – Faculdades EST

Dusan Schreiber – Doutor em Administração – Faculdades EST

Luiz Carlos Susin – Doutor em Teologia – PUC/RS

DEDICO

Ao Deus da minha vida, meu ajudador
que me capacita e sustenta, e que
nunca me deixou só.

AGRADECIMENTOS

Ao meu esposo, fiel escudeiro; aos meus filhos, razões da minha existência; a meu pai, *in memoriam*, pois há tão pouco partiu para a Glória, mas não sem antes deixar um legado de amor e fé; a minha amada mãe, que, embora em muitos momentos eu tenha me ausentado para este fim, deixando-a só, ela compreendeu e continuou a orar por mim.

Meu muito obrigada!

*Um professor sempre afeta a eternidade.
Ele nunca saberá onde sua influência
termina.*

Henry Adans

RESUMO

A presente pesquisa tem por objeto verificar, ainda que não de maneira exaustiva, a possibilidade e a eficácia de se usar o sistema educacional privado e público como instrumento de difusão da consciência sustentável através da ecopedagogia, utilizando-se, entre outros, conceitos como ecoformação e ecoempreendedorismo. Para isso, será utilizado o procedimento de pesquisa bibliográfica, com base na literatura atual sobre o tema, bem como pesquisa eletrônica. A pesquisa está estruturada em três capítulos. No primeiro, será abordado o conceito de sustentabilidade, a evolução da preocupação com o assunto e as várias áreas de aplicação e dimensões da sustentabilidade. No segundo capítulo, analisaremos a pedagogia e a educação como instrumentos de transformação, bem como a quebra de paradigmas no modelo de pedagogia e a interdisciplinaridade. No terceiro, analisaremos a Ecopedagogia como forma transformadora do educando e da educanda, que, influenciando inicialmente suas famílias, podem contribuir para modificar a sociedade no que tange à conscientização sobre a sustentabilidade planetária. É a educação de dentro para fora da escola.

Palavras-chave: Ecopedagogia. Ética. Gestão educacional. Ecoempreendedorismo. Sustentabilidade.

ABSTRACT

The goal of this research is to verify, even though not exhaustively, the possibility and the efficacy of using the private and public educational system as an instrument for propagating sustainability awareness through eco-pedagogy, using, among others, concepts such as eco-training and eco-entrepreneurship. For this the procedure of bibliographic research will be used, based on current literature on the theme, as well as electronic research. The research is structured into three chapters. In the first, the concept of sustainability will be dealt with, as well as the evolution of the concern with the subject and the various areas of application and dimensions of sustainability. In the second chapter we will analyze pedagogy and education as instruments of transformation, as well as the rupture of paradigms in the pedagogy model and interdisciplinarity. In the third, we will analyze eco-pedagogy as a transforming path for the student, who, influencing initially, their families, can contribute to modifying the society related to awareness raising about planetary sustainability. It is about education from within to outside the school.

Keywords: Eco-pedagogy. Ethics. Educational management. Eco-entrepreneurship. Sustainability.

Sumário

1 INTRODUÇÃO	19
2 SUSTENTABILIDADE	21
2.1 Conceituando sustentabilidade	22
2.2 Evolução da conscientização histórica e humana sobre sustentabilidade	24
2.3 Sustentabilidade e sua aplicabilidade em diversos setores	29
2.3.1 <i>Ecoempreendedorismo</i>	30
2.3.2 <i>Ecoespiritualidade</i>	32
2.4 Ética da Sustentabilidade	35
2.5 Ética da Reverência à vida	35
2.6 Ética do Cuidado	37
3 PEDAGOGIA	41
3.1 Educação	42
3.2 Fugindo do paradigma da educação tradicional	45
3.3 Ensino e Aprendizagem	49
3.4 Interdisciplinaridade	51
4 ECO PEDAGOGIA	59
4.1 Ecopedagogia como forma de gestão eficiente	64
4.2 Relação Escola e Família no processo de conscientização	68
4.3 Relação Família e Comunidade no processo de conscientização	69
5 CONCLUSÃO	75
REFERÊNCIAS	77

1 INTRODUÇÃO

A partir da observação do comportamento da sociedade em relação ao tema sustentabilidade, percebe-se que a ausência de uma conscientização coletiva tem sido o maior obstáculo às mudanças comportamentais capazes de gerar um modo de vida sustentável. Por esse motivo, busca-se, com esta pesquisa, responder questões como:

- Em que medida a conscientização ambiental e social inserida no processo de educação do e da jovem poderá contribuir para uma sociedade sustentável?
- De que forma a inserção da ecopedagogia no sistema educacional poderá ser eficaz para a gestão eficiente social e econômica, além de construir uma sociedade consciente em relação a sua interdependência planetária?

A partir do primeiro capítulo, verifica-se o conceito e a evolução do pensamento sobre sustentabilidade, perpassando pela conscientização ambiental à luz da ética da sustentabilidade, dos princípios espirituais e do ecoempreendedorismo.

No segundo capítulo, analisa-se a construção de uma pedagogia fora de paradigmas tradicionais, que produza uma educação com ensinagem¹, gerando aprendizagem de fato, e verifica-se o quanto é eficaz e em que medida é viável a aplicação de uma pedagogia de sustentabilidade, ou seja, a ecopedagogia inserida numa interdisciplinaridade no processo educacional.

Finalizando esses questionamentos, resulta o terceiro capítulo, em que se verifica a ecopedagogia e de que forma a educação com base na ecopedagogia pode ser usada como instrumento de conscientização socioambiental e econômica de toda uma sociedade, verificando se é possível o conhecimento apreendido dentro

¹ A expressão ensinagem foi inicialmente explicitada no texto de ANASTASIOU, L. G. C., resultante da pesquisa de doutorado: *Metodologia do Ensino Superior: da prática docente a uma possível teoria pedagógica*. Curitiba: IBPEX, 1998, pp. 193-201. Termo adotado para significar uma situação de ensino da qual necessariamente decorra a aprendizagem, sendo a parceria entre professor e alunos condição fundamental para o enfrentamento do conhecimento, necessário à formação do aluno durante o cursar da graduação. Disponível em: <<https://eventos.unipampa.edu.br/seminariodocente/files/2011/03/Oficina-10-Estrat%C3%A9gias-metodol%C3%B3gicas.pdf>>. Acesso em: 21 nov. 2018.

da escola ultrapassar suas portas e influenciar o ambiente externo, ou seja, a sociedade em geral.

2 SUSTENTABILIDADE

Os seres humanos, homem e mulher, são dotados de sentimento social, que naturalmente os interliga entre si e com os demais seres vivos. Dessa interdependência, e da relação do ser humano com o meio em que vive, brota a necessidade de pensar em um mundo sustentável nos aspectos econômicos, ambientais e sociais.

Dessa concepção nasce a urgência de se fazer algo frente a iminente ameaça à sobrevivência do planeta. É necessário, portanto, reconhecê-lo como nossa casa. A Carta da Terra, em seu bojo, traz a importante afirmação:

A humanidade é parte de um vasto universo em evolução. A Terra, nosso lar, está viva com uma comunidade de vida única. As forças da natureza fazem da existência uma aventura exigente e incerta, mas a Terra providenciou as condições essenciais para a evolução da vida. A capacidade de recuperação da comunidade da vida e o bem-estar da humanidade dependem da preservação de uma biosfera saudável com todos seus sistemas ecológicos, uma rica variedade de plantas e animais, solos férteis, águas puras e ar limpo. O meio ambiente global com seus recursos finitos é uma preocupação comum de todas as pessoas. A proteção da vitalidade, diversidade e beleza da Terra é um dever sagrado.²

Com a preocupação ambiental, perguntas práticas surgem, tais como: quantas pessoas a Terra ainda suportaria? O que se pode fazer para conter o crescimento populacional, que naturalmente faz crescer a necessidade de produção de bens de consumo? E como o efeito dominó leva a uma crescente degradação do ambiente? Miller³ apresenta uma estatística baseada no estudo de caso da China, em que fica claro que o efeito do crescimento populacional é nefasto para o ambiente.

Boff vai além, quando mostra que o planeta Terra tem sido visto como uma fonte inesgotável de recursos para satisfazer o crescimento econômico desenfreado:

O espírito científico moderno, inaugurado no século XVI, começou introduzindo profundos dualismos: por um lado o ser humano, e por outro a natureza; por um lado Deus, e por outro a criação; por um lado a razão, e por outro o sentimento; por um lado a vida, e por outro os demais seres, tidos como inertes. Assim a Terra foi vista como *res extensa* (uma coisa

² BOFF, Leonardo. *Sustentabilidade: o que é - o que não é*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p. 168. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/estruturas/agenda21/_arquivos/carta_terra.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2017.

³ MILLER, G. Tyler; SPOOLMAN, Scott E. *Ecologia e sustentabilidade*. Tradução Ez2 Translate; revisão técnica: Mareio Silva Araujo, David Lapola e Eduinetty P. M. de Sousa. São Paulo: Cengage Learning, 2012.

meramente extensa), uma realidade sem espírito e sem propósito. Ela representa um repositório inesgotável de recursos para a realização do progresso ilimitado. Como ela não tem espírito e é uma coisa, não precisa ser respeitada e passa a ser objeto do uso e abuso humano.⁴

É possível, a partir da simples leitura sobre o tema, observar que a sustentabilidade abarca várias dimensões que não podem ser dissociadas. Assim, convém analisar e extrair dos vários conceitos de sustentabilidade o que realmente significa gerar um mundo responsável e consciente da simbiose em que vive a humanidade com os demais seres vivos e o ambiente em geral.

2.1 Conceituando sustentabilidade

A palavra *sustentare*, no Dicionário Latino-Português, quer dizer “ação de sustentar, de suster, conservar em bom estado; fazer frente a, resistir”.⁵ O Novo Dicionário Aurélio registra sustentabilidade como “S.f. Qualidade de sustentável. Sustentável. Adj. Que se pode sustentar”.⁶

Dessa análise etimológica, percebe-se que um dos significados para o termo é “conservar em bom estado”. Indo além, podemos inferir que essa definição está carregada de um sentido que atribui uma responsabilidade a um sujeito, que, no nosso contexto, seriam os indivíduos e as organizações, a quem cabe zelar pelo planeta.

Portanto, para uma melhor compreensão do tema, se faz necessário buscar entender sustentabilidade tendo por base um modelo conceitual teórico que dará ao leitor e à leitora a visão multidimensional de “Elkington”⁷, entretanto, sem esquecer outros conceitos também relevantes para o tema.

Segundo Leonardo Boff, em seu livro “Sustentabilidade: o que é - o que não é”, a definição de sustentabilidade dada pela Organização das Nações Unidas – ONU, no relatório Brundland, de 1987, é correta, porém incompleta, vejamos:

⁴ BOFF, Leonardo. *Sustentabilidade: o que é - o que não é*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p. 67-68. Disponível em: <<https://leonardoboff.wordpress.com/2012/01/15/sustentabilidade-tentativa-de-definicao/>>. Acesso em: 25 fev. 2017.

⁵ FARIA, Ernesto. *Dicionário Latino-Português*. Garnier, 1993. p. 1.171.

⁶ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *O Novo Dicionário Aurélio*. Positiva Editora, 2009. p. 1.635.

⁷ SARTORI Simone; LATRÔNICO Fernanda; CAMPOS, Lucila M.S. *Sustentabilidade e Desenvolvimento Sustentável: uma taxonomia no campo da Literatura*. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/asoc/v17n1/v17n1a02.pdf>>. Acesso em: 08 jul. 2018.

Clássica é a definição da ONU, do relatório Brundland (1987) “desenvolvimento sustentável é aquele que atende as necessidades das gerações atuais sem comprometer a capacidade das gerações futuras de atenderem a suas necessidades e aspirações”. Esse conceito é correto, mas possui duas limitações: é antropocêntrico (só considera o ser humano) e nada diz sobre a comunidade de vida (outros seres vivos que também precisam da biosfera e de sustentabilidade). Tentarei uma formulação, o mais integradora possível: Sustentabilidade é toda ação destinada a manter as condições energéticas, informacionais, físico-químicas que sustentam todos os seres, especialmente a Terra viva, a comunidade de vida e a vida humana, visando a sua continuidade e ainda a atender as necessidades da geração presente e das futuras de tal forma que o capital natural seja mantido e enriquecido em sua capacidade de regeneração, reprodução, ecoevolução.⁸

Boff define sustentabilidade de tal forma que se pode inferir que o conceito de sustentabilidade precisa partir de uma visão temática, sistêmica e holística a ponto de que a expressão sustentabilidade ultrapasse a mera retórica e alcance níveis de aplicabilidade, sendo aspiração de todos e todas. Assim, pode-se concluir que sustentabilidade é atitude individual e coletiva de proteção mútua, e que todo o ser humano inserido no mundo precisa perceber-se pertencente e interligado a tudo e a todos e todas de maneira tal que seja construída uma conscientização global e sistêmica pela qual toda ação realizada no hoje seja pensada de forma responsável para o futuro, sem esquecer a observação focada em aspectos diversos, em que todo organismo vivo está direta ou indiretamente ligado à sobrevivência terrena.

Destarte, toda a discussão posta aqui partirá da premissa de que a educação pode vir a ser o meio de conscientização capaz de fazer do conceito dado, no tripé Bottom Line, de Elkington, regra geral:

Elkington (1999) concebeu a teoria do “Triple Bottom Line” para ajudar as empresas de petróleo e gás a entrelaçarem os três componentes do desenvolvimento sustentável: prosperidade econômica, justiça social e proteção ao meio ambiente dentro das suas operações principais. O autor afirma que a transição para o TBL é complexa, pois envolve mudanças na estrutura operacional e comercial das empresas, promovendo alterações no mercado de negócios local e global.⁹ (grifo nosso)

O conceito dado por Elkington, do *Triple Bottom Line* – TBL, será a base de análise deste trabalho, uma vez que se considera abrangente nos aspectos humano,

⁸ BOFF, Leonardo. *Sustentabilidade: o que é - o que não é*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. Disponível em: <<https://leonardoboff.wordpress.com/2012/01/15/sustentabilidade-tentativa-de-definicao/>>. Acesso em: 25 fev. 2017.

⁹ COTRIM, Suzana Lee; GOUVEIA, Patrícia; LIMA, Gilson Brito Alves. *Análise do modelo Triple Bottom Line: conceito, histórico e estudo de casos*. III CNEG – Niterói, RJ, Brasil, 17, 18 e 19 de agosto de 2006. Disponível em: <<http://www.inovarse.org/filebrowser/download/9852>>. Acesso em: 27 jun. 2018.

social e econômico. Conforme Dias¹⁰ nos mostra, esse conceito é conhecido também como os três Ps (*People, Planet and Profit* ou, em português, Pessoas, Planeta e lucro¹¹), também conhecido como tripé da sustentabilidade.

2.2 Evolução da conscientização histórica e humana sobre sustentabilidade

Nem sempre a humanidade se preocupou com o uso dos recursos ambientais ou mesmo com meios de alcançar sustentabilidade em qualquer de seus aspectos, porém, o crescimento populacional em todo o globo terrestre, os efeitos sociais da globalização e sobre a economia naturalmente geraram o pensar ecologicamente.

Pode-se dizer que o marco para o pensamento sobre sustentabilidade foi a Carta da Terra, criada em 1945, na ONU. Entretanto, segundo revela o livro “Consciência Planetária e Religião”, organizado por Ribeiro Oliveira e Aguiar de Souza¹², sua proposta fundamental seria segurança mundial, sustentada por três polos: direitos humanos, o desenvolvimento socioeconômico e a paz, ainda não se abordando diretamente a questão ecológica. Apesar disso, o pensamento sobre sustentabilidade toma maior dimensão, já tendo sua importância na evolução dessa consciência, conforme continua demonstrando Ribeiro Oliveira e Aguiar de Souza:

A questão ecológica irrompeu estrepitosamente em 1972, com o Clube de Roma, o primeiro grande balanço sobre a situação da Terra, que denunciava a crise do sistema global da Terra e propunha como terapia limites ao crescimento. Nesse mesmo ano a ONU organizou o primeiro grande encontro mundial sobre o meio ambiente em Estocolmo, Suécia. Foi quando surgiu a consciência de que meio ambiente deve constituir a preocupação central da humanidade e o contexto concreto de todos os problemas.¹³

Contudo, após a Revolução Industrial, progressivamente, as civilizações foram valorizando cada vez mais o consumismo, e aquela antes artesanal civilização passou a produzir mais e consumir mais e mais, de maneira tal que foi preciso transformar os bens conseguidos acessíveis ao maior número de pessoas. Assim,

¹⁰ DIAS, Reinaldo. *Gestão Ambiental: responsabilidade social e sustentabilidade*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2011. p. 46.

¹¹ Esta será a ordem cronológica usada pela autora.

¹² OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de; SOUZA, Jose Carlos Aguiar de. *Consciência Planetária e Religião: desafios para o Século XXI*. São Paulo: Paulinas, 2009. p 16.

¹³ OLIVEIRA; SOUZA, 2009, p. 16.

de repente, o capitalismo, adaptado a essa necessidade, fez dela a arma para o seu desenvolvimento.

Ocorre que, para produzir, é necessário extrair matéria-prima da natureza e ter um maior número de trabalhadores e trabalhadoras e de horas trabalhadas, tudo com intuito de se obter maior lucro. Com isso, o resultado foi o planeta, nossa casa, saqueado e ferido de maneira que esteja ameaçado de morte. Assim, as organizações, corporações econômicas e a sociedade em geral se encontram frente ao desafio de produzir bens de forma capaz de sustentar a existência da vida.

Logo, desenvolvimento sustentável é preocupação de Estado e da sociedade, o que faz urgir a necessidade de criarem-se normas sociais, procedimentos e métodos tecnológicos, além de ações conscientizadoras da responsabilidade social, ambiental, econômica, corporativa e individual.

Diante do iminente risco de falência dos recursos naturais, muitos são os autores que se debruçam sobre o tema, numa tentativa de trazer à baila a importância de pensar o futuro, conforme Leff salienta:

A crise ambiental e o princípio de sustentabilidade: O princípio de sustentabilidade surge no contexto da globalização como a marca de um limite e o sinal que reorienta o processo civilizatório da humanidade. A crise ambiental veio questionar a racionalidade e os paradigmas teóricos que impulsionaram e legitimaram o crescimento econômico, negando a natureza. A sustentabilidade ecológica aparece assim, como um critério normativo para a reconstrução da ordem econômica, como uma condição para a sobrevivência humana e um suporte para chegar a um desenvolvimento duradouro, questionando as próprias bases da produção.¹⁴

Gradativamente, a humanidade foi se dando conta de que crescer economicamente gera um custo ecológico que tende a não ser suportado. Embora o capitalismo selvagem resista a uma mudança de paradigmas, é incontestável a realidade de degradação ambiental e seus efeitos, logo, é preciso que a humanidade se veja pertencente a um todo, pois ninguém vive isolado desse todo, e a consciência planetária é uma necessidade humana. Assim, Boff descreve: “Ninguém vive fora da rede de relações que sustenta o universo no qual cada um está imerso”.¹⁵

Segundo o professor Fabio Rocha:

¹⁴ LEFF, Enrique. *Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexibilidade, poder*. Tradução de Lucia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p. 15.

¹⁵ BOFF, 2012, p. 157.

Os CEO's acreditam que uma nova era da sustentabilidade está começando a entrar em vigor, sendo que 80% dos entrevistados preveem um “ponto de inflexão” dentro de 15 anos – um momento em que a sustentabilidade será totalmente incorporada às estratégias de negócio da maioria das empresas em nível global.

Não há dúvida quanto à evolução do tema sustentabilidade, seja do ponto de vista do espaço que ocupa na academia, na mídia, no mundo corporativo, na agenda mundial e nas políticas. Também não temos dúvida quanto à percepção das organizações da importância deste tema como elemento de agregação de valor e de influência na performance ou na reputação.¹⁶

Num passado relativamente recente, não havia literatura abundante, como hoje, sobre o tema sustentabilidade, o que reflete a pouca preocupação com o assunto. Segundo Tacilla da Costa¹⁷, o início das teorias sobre o tema se deu dentro das ciências ambientais e ecológicas, por volta dos anos 1960.

Ainda na década de 1970, a responsabilidade social e ambiental não era algo tão comum. Segundo Dias¹⁸, em decorrência da denúncia sobre poluição e degradação do ambiente, surgiram algumas leis a respeito do assunto, o que não agradou às empresas da época. Foi nessa década que ocorreu a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente em Estocolmo (1972).¹⁹

No Brasil, algumas leis federais importantes surgiram nessa década, como o Decreto-Lei nº 1.413, de 14/08/1975, que dispõe sobre o controle de poluição do meio ambiente, e a Lei nº 6.453, de 17/10/1977, que dispõe sobre a responsabilidade civil por danos nucleares e responsabilidade criminal por atos relacionados com atividades nucleares.

Como visto, no Brasil, o tema sustentabilidade nem sempre foi levado a sério, vindo a alcançar real importância com a Constituição de 1988, a partir de seu art. 225²⁰, a ponto de se elencar entre os direitos fundamentais, como o direito a vida.

¹⁶ ROCHA, Fabio. *As três regras de ouro da evolução da sustentabilidade nas empresas*. Disponível em: <<http://envolverde.cartacapital.com.br/tres-regras-de-ouro-da-evolucao-da-sustentabilidade-nas-empresas>>. Acesso em: 08 jul. 2018.

¹⁷ COSTA, Tacilla da; SANTOS, Sá Siqueira. Organizações da sociedade civil e as construções teóricas acerca da sustentabilidade. *Revista do Centro Interdisciplinar de Desenvolvimento e Gestão Social - CliAGS*, v. 2, n. 1, 2009. p. 2.

¹⁸ DIAS, Reinaldo, 2011, p. 183.

¹⁹ ONU. *A ONU e o meio ambiente*. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/acao/meio-ambiente/>>. Acesso em: 29 jul. 2018.

²⁰ CF, Art. 225. “Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações”.

Albuquerque fala sobre a evolução da conscientização ecológica e como a Constituição de 1988 foi um marco em aspectos relacionados à vida:

A Constituição de 1988 pode ser considerada como um grande marco em relação a garantia dos direitos sociais de educação, saúde, habitação, transporte e lazer ao cidadão brasileiro e a participação popular na gestão pública. A partir daí, mesmo que de forma não muito expressiva, a sociedade e as organizações despertaram para o exercício dos direitos e deveres do cidadão, em um ambiente democrático. Nejaim (2009) afirma que a partir da Constituição de 1988, as empresas mudaram suas ações em relação aos trabalhadores, direito do consumidor e direito ambiental. Na comunidade empresarial, os gestores passaram também a ter a função ética de respeitar os direitos e promover o bem entre os agentes afetados pelas empresas que gerenciam. A sociedade também passou a ter mais consciência em relação à clara necessidade de o mundo praticar um desenvolvimento sustentável, tendo a capacidade de satisfazer as necessidades atuais das pessoas, sem comprometer as gerações futuras. Dessa forma, cada dia que passa, fica mais difícil as organizações, independentemente de porte e segmento, desconsiderarem a transparência, ética e responsabilidade socioambiental nos seus negócios.²¹ (grifo nosso).

Demonstra-se, assim, uma evolução conceitual do assunto, com ações institucionais e debates acadêmicos. O quadro a seguir detalha essa evolução:

Quadro 1: Resumo dos marcos, perspectiva histórica e cronológica

ANO	PERSPECTIVAS
1972	Publicação do Relatório do Clube de Roma (The Limits to Growth) sobre riscos globais dos efeitos da poluição e do esgotamento das fontes de recursos naturais. Conferência das Nações Unidas sobre o Desenvolvimento e Meio Ambiente Humano, em Estocolmo, Suécia, com a participação de 113 países. O conceito de “Eco-desenvolvimento” foi apresentado por Ignacy Sachs, considerado precursor do Desenvolvimento Sustentável.
1975	Elaboração do Segundo Plano Nacional de Desenvolvimento (PND-1975/79) que definiu prioridades para o controle da poluição industrial.
1980	Em 1980, surge a noção de ecologia profunda, que coloca o homem como o componente de sistema ambiental complexo, holístico e unificado.

²¹ ALBURQUERQUE, José de Lima. (org.) *Gestão ambiental e responsabilidade social: conceitos, ferramentas e aplicações*. São Paulo: Atlas, 2009. p.131.

1983	A ONU criou a Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento que desenvolveu o paradigma de desenvolvimento sustentável, cujo relatório (Our Common Future) propunha limitação do crescimento populacional, garantia de alimentação, preservação da biodiversidade e ecossistemas, diminuição do consumo de energia e desenvolvimento de tecnologias de fontes energéticas renováveis, aumento da produção industrial a base de tecnologias adaptadas ecologicamente, controle da urbanização e integração campo e cidades menores e a satisfação das necessidades básicas.
1991	A Câmara de Comércio Internacional (CCI) aprovou "Diretrizes Ambientais para a Indústria Mundial", definindo 16 compromissos de gestão ambiental a serem assumidos pelas empresas, conferindo à indústria responsabilidades econômicas e sociais nas ações que interferem com o meio ambiente. Essas diretrizes foram acatadas, no Brasil, pelo Comitê Nacional da Câmara de Comércio Internacional, tendo-se criado a Fundação Brasileira para o Desenvolvimento Sustentável.
1992	Realizou-se, no Rio de Janeiro, a ECO-92 (a Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e Desenvolvimento) na qual foram elaboradas a Carta da Terra (Declaração do Rio) e a Agenda 21, que reflete o consenso global e compromisso político objetivando o desenvolvimento e o compromisso ambiental.
1997	Discutido e negociado em Quioto no Japão, o Protocolo propõe um calendário pelo qual os países membros teriam obrigação de reduzir a emissão de gases do efeito estufa. Em novembro de 2009, 187 países haviam aderido ao Protocolo.
1999	John Elkington concebeu o Triple BottomLine (TBL) para ajudar empresas a entrelaçarem os componentes do desenvolvimento sustentável: prosperidade econômica, justiça social e proteção ao meio ambiente em suas operações.
2002	Aconteceu, em Johannesburgo, a conferência mundial denominada Rio + dez, onde se instituiu a iniciativa "Business Action For Sustainable Development".
2006	Foi publicado o documentário "Uma verdade inconveniente", de Davis Guggenheim (sobre a militância política de Al Gore), a quem rendeu o Nobel da Paz em 2007 e dois Oscar, cuja mensagem principal ("become carbon neutral") se coloca como um novo paradigma planetário.
2009	Realiza-se, em Copenhague, a 15ª Conferência do Clima (COP 15) das Nações Unidas, evento que reuniu 25 Chefes de Estado.

Fonte: Autores, adaptado. (ZOZZOLI, 2008; OLIVEIRA FILHO, 2004; PAULA, 2008; KATO, 2008).²²

²² SOUZA, Marcilon de. *Entre o Proposto e o Concreto: uma análise sobre políticas públicas e o meio ambiente em Criciúma/SC.* p. 31-33. Disponível em:

Entretanto, todas essas ações ainda não correspondem a uma evolução da consciência humana, pois não significa que as pessoas estão se conscientizando no mesmo ritmo dos debates, o que poderá perfeitamente ser alcançado por intermédio das escolas ao servirem de meio conscientizador para a prática sustentável.

2.3 Sustentabilidade e sua aplicabilidade em diversos setores

Falar em sustentabilidade é pensar num desenvolvimento sustentável em todas as esferas, o que pode ser chamado de ecodesenvolvimento, porém, para torná-lo plausível, tem-se um longo e difícil caminho a seguir, como diz Lemos:

Para alcançarmos o desenvolvimento sustentável, serão necessárias mudanças fundamentais que vão além de nossa forma de pensar, interferindo em nossa maneira de viver, de produzir e de consumir. O desenvolvimento sustentável - além das dimensões ambiental, social, econômica, portanto, a participação democrática de todos na tomada de decisões que resultem nas mudanças necessárias.²³

É preciso analisar etimologicamente o termo ecologia²⁴, que vem do grego antigo *oikos* (casa, habitat) e *logos* (ciência, conhecimento). Portanto, a ecologia é a ciência do habitat. Ela foi criada em 1866, pelo biólogo alemão Ernst Haeckel. Advindos do termo ecologia, novos termos foram sendo aplicados a determinadas áreas do conhecimento com fulcro na sustentabilidade da “casa comum”.

Isto posto, convém ainda falar brevemente sobre alguns meios capazes de alcançar a aplicação de princípios referentes à sustentabilidade, tema que hoje já se percebe ser o alvo da preocupação em diversos setores da sociedade. Consequentemente, dentro de uma ética de sustentabilidade, analisar-se-á o ecoempreendedorismo, uma vez que o empreendedor do setor da educação tem em suas mãos o poder e o dever de, em seu Projeto Político Pedagógico – PPP, fazer uma construção ou orientação do tema sustentabilidade.

Ademais, cabe ainda analisar, nessa perspectiva, a questão do indivíduo, ou seja, a pessoa do aluno e da aluna e do próprio empreendedor e da própria

<<http://repositorio.unesc.net/bitstream/1/3991/1/Marcilon%20de%20Souza.pdf>>. Acesso em: 28. jul. 2018.

²³ LEMOS, Haroldo Mattos de. *Responsabilidade Socioambiental*. Rio de Janeiro, RJ: FGV, 2013. p. 31.

²⁴ MANE Djiby. O Islã e o meio ambiente: uma abordagem ecolinguística. *Revista Alpha*, n. 15, nov. 2014, p. 09. Disponível em: <<http://alpha.unipam.edu.br/documents/18125/558424/O++Isl%C3%A3%20e+o+meio+ambiente+-+uma+abordagem+ecolingu%C3%ADstica.pdf>>. Acesso em: 08 jul. 2018.

empreendedora como possuidores e possuidoras de espírito, assim forjando tanto o gestor ou a gestora da educação como o educando e a educanda, nos princípios da sustentabilidade. Logo, importante observar a sustentabilidade dentro do ecoempreendedorismo e da ecoespiritualidade. Embora a presente pesquisa preocupe-se com a ecopedagogia, esta não está separada dos outros conceitos.

2.3.1 Ecoempreendedorismo

Posto isto, observa-se que, embora hoje haja uma crescente fala sobre sustentabilidade, nem sempre é verdadeiro o conceito da expressão quando confrontado com o crescimento econômico visto pelos olhos dos empreendedores e das empreendedoras, situação em que pode facilmente ser desvirtuado. Diante disso, é mister criar uma mentalidade para além do simples desenvolvimento, ao que se pode adequar o uso do conceito, muito bem elaborado por Elkington em seu livro “Sustentabilidade - canibais com garfo e faca”:

O livro que criou os conceitos da sustentabilidade por meio de três vertentes: a prosperidade econômica, a qualidade ambiental e a justiça social, representadas pelos três pilares reconhecidos como Triple Bottom Line: Profit – Planet – People. [sic]²⁵

O papel das empresas como elemento transformador tem elevada relevância quando deixa de ser centrado na questão econômica, entretanto, é impossível dissociar esse aspecto, uma vez que o lucro é inerente à atividade empresarial. Daí a importância do conceito de Elkington, pois, ao se empregar tal conceito nos princípios de uma empresa, está-se mensurando o lucro, na medida em que a sustentabilidade passa pelo viés da economia de custos, por exemplo. Nesse sentido, uma empresa sustentável economicamente é a que consome menos recursos para obter o maior lucro possível.

Dentro dos três Ps de Elkington, além da dimensão econômica, uma empresa sustentável é aquela que investe na dimensão humana. Dessa forma, tanto internamente, com sua equipe de trabalhadores e trabalhadoras, como em relação à comunidade onde a empresa está inserida, existe uma preocupação com o valor humano e, por último, com a questão social e ambiental, em que a empresa

²⁵ LIMA, Ana Marina Martins de. *Ambiente do meio*. Disponível em: <<https://ambientedomeio.com/2011/10/04/os-tres-pilares-da-sustentabilidade/>>. Acesso em: 26 jul. 2018.

demonstra preocupação com condições extra-ambientais, como não poluir e, por vezes, fazer investimentos na questão social dos moradores e moradoras ao redor de cada empresa.

Destarte, as corporações econômicas precisam adquirir a noção de que mesmo as organizações não podem se eximir do cuidado. De fato, cada vez mais, um número maior de empresas tem-se comprometido com a questão ambiental e social. Sobre isso, Albuquerque assim se manifesta:

As organizações são seres vivos e sociais, pois empregam pessoas, relacionam-se com outras organizações e comunidades, oferecem e recebem serviços e produtos. E as empresas são organizações que normalmente visam lucro. Desde o final da década de 1980 que a ética e a responsabilidade social passaram a serem temas importantes para a Administração e Gestão Organizacional. Não é mais suficiente apenas produzir bens e serviços que sejam consumidos. É preciso ter eficácia organizacional e uma relação saudável com o meio em que se está inserido. É preciso, também, ter equilíbrio entre os interesses dos acionistas e agir com responsabilidade social em relação a toda a comunidade. O tema Responsabilidade Social passa a ser discutido no Brasil, também, como resultado aos esforços do sociólogo Herbert de Souza, o Betinho, que trouxe a campanha contra a fome e a miséria. No início da década de 1980, ele fundou o Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (IBASE), para se dedicar a democratização da informação sobre as realidades econômicas, políticas e sociais no Brasil, juntamente com outros profissionais interessados nessa temática (IBASE, 1998).²⁶

Ainda com base no pensamento de Albuquerque, os empresários e as empresárias precisam pensar a partir da responsabilização com a comunidade onde estão inseridos e inseridas, inclusive como mote para uma gestão sustentável:

Hoje, cada vez mais, as organizações estão buscando um equilíbrio com a comunidade em que estão inseridas e com outras realidades que podem afetar ou por elas serem afetadas. E a busca por uma sociedade sustentável, em que as forças produtivas e a natureza possam conviver sem se anularem ou aniquilarem. E uma nova consciência ética e de responsabilidade social que as organizações estão sendo levadas a assumir, por opção ou por exigência do mercado global.²⁷

Entretanto, embora a responsabilidade social corporativa esteja sendo tema de debates, ainda é preciso criar uma consciência coletiva de pertencimento e interdependência, o que perpassa por anular o individualismo criado pelo capitalismo, como belamente coloca Boff, em suas palavras:

Uma das características da Modernidade é a exaltação exacerbada do individualismo que ganhou sua expressão lapidar na forma de um credo no

²⁶ ALBURQUERQUE, 2009, p. 130.

²⁷ ALBURQUERQUE, 2009, p. 132.

majestoso Rockefeller Center em Nova York, no qual se pode ler o ato de fé de John D. Rockefeller Jr. “Eu creio no supremo valor do *indivíduo* e no seu direito à vida, à liberdade e à busca da felicidade”. No sistema capitalista o que conta é a propriedade privada e a apropriação individual dos benefícios do desenvolvimento. Por séculos foi triunfante. Somente a partir da grande recessão de 1929, e recentemente com a crise do sistema econômico-financeiro de 2008 e 2011, ele viu suas teses refutadas. Se não tivesse havido a intervenção maciça do Estado, salvando bancos e empresas privadas, todo o sistema teria fragorosamente ruído.²⁸

Nessa ótica da ética sustentável, urge a necessidade de o corpo empresarial, ligado a seus diversos setores, especialmente o da educação, aplicar a sustentabilidade em sua prática empresarial. Destarte, atualmente, a chamada moda verde pode ainda auferir lucros diretos e indiretos ao empreendedor e à empreendedora que invista numa gestão sustentável dentro dos três Ps.

2.3.2 Ecoespiritualidade

Pode-se imaginar que falar em sustentabilidade não tenha nada a ver com espiritualidade, entretanto, ela está intrinsecamente ligada à história da humanidade. O ser humano sempre buscou o *religare*²⁹, e isso vai além da religião, na verdade, é um sentimento de busca pelo espiritual, seja qual for a prática religiosa. Até mesmo o ateu, no seu âmago, tem esse sentimento. Vale salientar que o espiritual eleva o ser humano ao transcendental, inclusive a ter uma preocupação com a responsabilização por seus atos até no pós-morte. Assim se pode deduzir ao observar a definição de Murad³⁰ para espiritualidade. Segundo ele, esta se caracteriza quando o indivíduo assume a postura de “ser do bem” na vida relacional; busca sentido integrador para existência pessoal e coletiva; cultiva o cuidado com o ecossistema, por meio de atitudes pessoais e coletivas que visem à sustentabilidade, entre outras coisas.

Pode-se inferir a aplicação da ecoespiritualidade a partir da análise de algumas religiões, embora esteja se falando para além da religiosidade, de algo

²⁸ BOFF, 2012, p. 72.

²⁹ Em seu artigo “Religião vem de ‘reler’ ou ‘religar’?”, Sérgio Rodrigues afirma que “[...] já na antiguidade tardia – e entre muitos autores modernos, como o contestado etimologista brasileiro Silveira Bueno – ganhou popularidade a tese [...] que liga o vocábulo religião ao verbo *religare*, ‘religar, atar, apertar, ligar bem’. A ideia de que caberia à religião *atar os laços* que unem a humanidade à esfera divina tem lá sua força poética, o que talvez explique o sucesso desta versão”. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/blog/sobre-palavras/religiao-vem-de-reler-ou-religar/>>. Acesso em: 08 jul. 2018.

³⁰ MURAD, Afonso. *Gestão e Espiritualidade: uma porta entreaberta*. São Paulo: Paulinas, 2012. p. 124 e 125.

maior. Porém, é dentro do universo religioso – em que se escancara o sentimento espiritual do ser humano – que se encontra solo fértil para desenvolver o sentimento de solidariedade humana no seu mais profundo conceito. Aqui, a solidariedade social de Durkheim³¹ seria aplicada, ao passo que essa ecoespiritualidade partiria do sentimento coletivo e individual de interdependência, pois o homem e a mulher se percebem ligados e ligadas ou mesmo interligados e interligadas à natureza e ao resto da humanidade.

Nesse sentido, a consciência de sustentabilidade pode ser difundida à medida que seus adeptos e adeptas desenvolvem o sentimento de parentesco, logo, se o indivíduo consegue perceber os elementos a sua volta, incluindo vegetais e animais, como algo seu, ele tomará o devido cuidado e os protegerá, assim como faz com sua família. Segundo a Sociedade de Teologia e Ciências da Religião (*SOTER*), este é o sentimento de algumas religiões:

Há certamente religiões que ajudam a humanidade a desenvolver a consciência planetária. O melhor exemplo são religiões de sociedades tribais onde o sistema de parentesco é estendido às relações entre o ser humano e a natureza, tornando as espécies animais e vegetais “parentes” dos humanos. Entre as grandes religiões, destacam-se o budismo e o hinduísmo, por seu respeito a natureza.³²

Ademais, quando se fala em Cristianismo, uma das maiores religiões da Terra, percebe-se que, embora seja centralizado no ser humano, não há nada em sua essência que contrarie o uso de seus preceitos em favor da sustentabilidade, uma vez que a Bíblia, base teológica da fé cristã, apresenta princípios que levam à preocupação do Deus Criador com a preservação do meio ambiente. Se Jesus estivesse andando, hoje, no meio da humanidade, provavelmente combateria o consumismo que gera prejuízos e desperdícios, conforme nos permite concluir a seguinte passagem extraída do Evangelho de João³³: “E, quando estavam saciados, disse aos seus discípulos: Recolhei os pedaços que sobejaram, para que nada se perca”.

³¹ DURKHEIM, Émili. *Da divisão do trabalho social*. Tradução Eduardo Brandão. 2 ed. São Paulo. Martins Fontes. 1999. p. 31.

³² OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de. Consciência Planetária, Ecosocialismo e Cristianismo. *SOTER* (organização) Sociedade de Teologia e Ciências da Religião. *Sustentabilidade da vida e espiritualidade*. São Paulo: Paulinas. 2008. p. 82.

³³ BÍBLIA, Almeida corrigida Fiel. Livro João 6.12.

O Papa Francisco, em sua encíclica “Laudato Si (Louvado seja)” – sobre o cuidado da casa comum –, deixa clara a importância de buscar a sensibilidade ecológica, exemplificando a fé de Francisco de Assis:

1. «*LAUDATO SI', mi' Signore* – Louvado sejas, meu Senhor», cantava São Francisco de Assis. Neste gracioso cântico, recordava-nos que a nossa casa comum se pode comparar ora a uma irmã, com quem partilhamos a existência, ora a uma boa mãe, que nos acolhe nos seus braços: «Louvado sejas, meu Senhor, pela nossa irmã, a mãe terra, que nos sustenta e governa e produz variados frutos com flores coloridas e verduras».

2. Esta irmã clama contra o mal que lhe provocamos por causa do uso irresponsável e do abuso dos bens que Deus nela colocou. Crescemos a pensar que éramos seus proprietários e dominadores, autorizados a saqueá-la. A violência, que está no coração humano ferido pelo pecado, vislumbra-se nos sintomas de doença que notamos no solo, na água, no ar e nos seres vivos. Por isso, entre os pobres mais abandonados e maltratados, conta-se a nossa terra oprimida e devastada, que «geme e sofre as dores do parto» (*Rm* 8, 22). Esquecemo-nos de que nós mesmos somos terra (cf. *Gn* 2, 7). O nosso corpo é constituído pelos elementos do planeta; o seu ar permite-nos respirar, e a sua água vivifica-nos e restaura-nos.³⁴

Vários são os segmentos do cristianismo que defendem o amor pela ecologia, e o protestantismo não deixa de fazer sua parte, como se vê a seguir:

Outro exemplo de preocupação com o meio ambiente provém da capital paulista. Acorada no centro de São Paulo, a Igreja Batista da Liberdade promove campanhas de sustentabilidade através de seu braço social, o Ministério de Sustentabilidade Socioambiental, a Ecoliber. Organizada em agosto de 2008 pelo pastor Eli Fernandes de Oliveira, a Ecoliber teve como primeiros membros o físico e professor Oswaldo Massambani, Guenther Carlos Krieger Filho, Priscila Slobodtsov e a esposa do professor. Atualmente com dez participantes, o ministério trabalha com coleta seletiva e destinação adequada do lixo produzido pela Igreja e palestras sobre sustentabilidade.³⁵

Na fé budista, a tradição é uma boa vontade em relação ao mundo a seu redor, logo, a ecoespiritualidade é posta como valor, vejamos:

Os valores budistas ligados à interdependência (em contraponto à noção de que a natureza é uma criação) são vistos pelos budistas como particularmente importantes para a sustentabilidade do mundo, uma vez que este se encontra ameaçado por uma crise ambiental sem precedentes,

³⁴ FRANCISCO Papa. *Carta Encíclica Laudato Si [Louvado seja]* - Sobre o cuidado da casa comum. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html>. Acesso em: 28 jul. 2018.

³⁵ BERNARDO, Johnny. Protestantismo e Sustentabilidade. Disponível em: <<http://brasilreligioso.blogspot.com/2014/06/protestantismo-e-sustentabilidade.html>>. Acesso em: 28 jul. 2018.

sem falar em uma crescente desigualdade econômica, que gera tensões e vários tipos de sofrimento.³⁶

Cumpra ainda frisar que, como se sabe, mesmo no senso comum, as religiões foram capazes de moldar a conduta humana com princípios que, com o passar dos séculos, foram internalizados a ponto de se transformarem em modo de vida.

2.4 Ética da Sustentabilidade

Ao se verificar a urgente necessidade de mudança de comportamento pela sociedade, no que tange aos princípios de sustentabilidade, fica evidente o quanto é preciso desenvolver uma ética de sustentabilidade em relação ao meio ambiente e aos indivíduos em geral, os quais devem ser capazes de, em médio e longo prazo, internalizar a consciência ecológica sustentável a ponto de garantir que o planeta, ora tão ameaçado, possa ter vida e sobrevivência nele perpetuadas.

Observa-se que, embora, como visto alhures, os empreendedores, as empreendedoras e a sociedade em geral percebam e discursam sobre a ética da sustentabilidade, sua aplicação no cotidiano ainda não tem sido real, apesar do profundo mal-estar da sociedade, como nos diz Enriquez sobre o desafio da consciência prática a esse respeito:

É interessante notar que os dirigentes das organizações, e em especial das empresas, compreenderam bem esta evolução. Eles também manifestam preocupações éticas. Mas, como eles tinham o desejo de não mudar nada de essencial no funcionamento social que lhes dessem satisfação mantendo-os em funções de poder - nova astúcia da razão instrumental -, fizeram da ética um meio mais sutil a serviço de um desempenho jamais questionado.³⁷

2.5 Ética da Reverência à vida

O sentimento de pertencimento e interdependência entre seres vivos e natureza gera, segundo Albert Schweitzer, uma “**ética de reverência à vida**”,

[...] eticamente falando, a vida do ser humano não deve ser valorizada diferentemente da vida de outros seres, seja ela a vida de um cão, a vida de

³⁶ TZAL.ORG. *Fé e inserção do budismo tibetano no mundo moderno*. Disponível em: <https://tzal.org/fe-e-insercao-do-budismo-tibetano-no-mundo-moderno/>. Acesso em: 28 jul. 2018.

³⁷ ENRIQUEZ, Eugene. Os desafios éticos nas organizações modernas. *RAE - Revista de Administração de Empresas*. São Paulo, abr./jun. 1997. p. 10.

uma cobra ou mesmo a vida de bactérias e vírus! A única coisa que faz com que a vida do ser humano seja diferente da dos outros seres é a consciência humana do inevitável domínio da natureza, ou seja, de que todas as formas de vida estão sujeitas as mesmas condições da vida, de ter que destruir e consumir outras formas de vida para sobreviver!³⁸

Nesse sentido, a reverência entre os seres é capaz de criar um mundo melhor, de vida em comunidade sustentável. Uma vez gerado esse sentimento, percebe-se a quebra do paradigma do individualismo, pois esse sentimento de interdependência internalizado por todos e todas pressupõe o responsabilizar-se um pelo outro, logo, a reverência pela vida deve ser um valor buscado pelo homem e pela mulher como um tesouro de raro valor.

O Pastor Pedro Martins, durante culto realizado na Comunidade das Nações, em Brasília, fez uso de uma metáfora que, embora utilizada em contexto religioso, parece-nos adequada para esclarecer como esse individualismo impede o brotar da vida em comunidade sustentável.³⁹

Trata-se da diferença da mina e da jazida, em que a mina (o indivíduo isolado) é o terreno onde se descobrem os valores lá depositados, porém, isoladamente, ela é inerte; é preciso investir em mecanismo (a reverência à vida) para extrair esses valores e tornar-se uma jazida (a sustentabilidade). Dessa forma, os seres humanos têm valores, são minas repletas de preciosidades.

No entanto, é preciso investir nessa mina, criando mecanismos de extração desse valor humano, de amor e reverência recíproca na produção da ética como hábito e costume moral, forjando-se, assim, jazidas capazes de propiciar a preservação mútua.

Até o momento, não se vislumbra um sentimento de amor e reverência, vista da forma que Schweitzer coloca; pelo contrário, o modo de vida adotado tem sido antropocentrismo, como diz Barreira Filho em artigo da Revista de Geografia da UFC:

Os modos de produção adotados pelo homem moderno não foram capazes de proporcionar um convívio equilibrado e uma interação saudável sociedade/natureza. A percepção que a sociedade humana sempre teve e ainda traz consigo da natureza é uma visão antropocentrismo e de

³⁸ PESSINI, Leo; BERTACHINI, Luciana; BARCHIFONTAINE, Cristhian de Paul (Org.). *Bioética, cuidado e humanização: humanização dos cuidados de saúde e gratidão*. São Paulo. Centro universitário São Camilo: Edições Loyola: IBCC. Centro de Estudos. 2014. Vol. III. p. 651.

³⁹ Mensagem ministrada às 17h30min, pelo Pastor Pedro Martins. Comunidade das Nações, SIA. Brasília. DF. 08 jul. 2018

dominação, onde ela reina e comanda sobre tudo e todos. Contudo o modo de produção capitalista, fundamentado na exploração do trabalhador e da natureza, não se apresenta como o modelo de desenvolvimento que busque a sustentabilidade ambiental.⁴⁰

Assim, é preciso ter percepção sobre a necessidade de gerar soluções, a ponto de pôr em prática esse princípio transformador e gerador de indivíduos agentes e multiplicadores. O propósito de reproduzir esse pensamento e essa atitude poderá gerar verdadeiras jazidas humanas no plano ecológico. Espera-se que o sentimento de reverência entre os seres seja multiplicado, reproduzindo em ecos a sustentabilidade almejada e ideal.

2.6 Ética do Cuidado

O individualismo tem sido o grande problema atual, de modo que a busca por uma sociedade que se preocupe com o coletivo deve ser o ideal almejado, inclusive para alcançar a sustentabilidade. Uma ética do cuidado pode ser conceituada quando o próprio dicionário Aurélio⁴¹ define cuidado como, entre outras coisas, “interessar-se por”. Analisar essa definição já leva ao entendimento de que, para que haja uma ética de cuidado, é necessário haver interesse pelo que se cuida, portanto, se todo o ser humano interessar-se por si e pelo outro, pela natureza a sua volta, pelo ambiente, a ética do cuidado será simples de ser alcançada.

A evolução humana demonstra que o ser humano, homem e mulher, é capaz de mudar e agregar conhecimento e competências, a depender do meio e da circunstância a que está exposto. Desse modo, novos paradigmas, benéficos à humanidade e que desenvolvam a prática sustentável, devem ser criados de forma urgente, diante do risco iminente que a humanidade corre ao negligenciar o cuidado consigo mesma.

Já nos princípios bíblicos, vislumbra-se o Criador ensinando o cuidado ao ser humano. Quando Jesus narra a parábola do bom samaritano⁴², por exemplo, o princípio do cuidado e do amor ao próximo está explícito.

⁴⁰ FILHO, Ednilo Baltazar Barreira. Sustentabilidade Ambiental: discutindo o lugar. Mercator. *Revista de Geografia da UFC*, ano 03, número 06, 2004.

⁴¹ AURÉLIO, Dicionário. Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com/cuidado>>. Acesso em: 10 jul. 2018.

⁴² BÍBLIA, Almeida corrigida Fiel. Livro Lucas 10.25.

Diferentes autores e autoras têm-se debruçado sobre a questão do cuidado e da ética do cuidado. Zoboli⁴³, em sua obra “A redescoberta da ética do cuidado: o foco e a ênfase nas relações”, cita Carol Gilligan, que fala sobre essa noção de cuidado na contemporaneidade ligado ao trato de meninos, meninas, homens e mulheres, aplicando-se conceitos morais na solução dos conflitos.

Para Boff, o cuidado vem através de atitudes simples, porém importantes e múltiplas, como, por exemplo, quando cuidamos de nossa casa, ato que envolve aspectos diversos, como limpeza, estética, família, etc. Esse cuidado deve ser ontológico; o ser humano, em sua essência, precisa se descobrir como um ser de imagem e semelhança com o Criador. É preciso entender o cuidado como algo necessário em uma esfera maior. Cuida-se da casa porque moramos nela, logo, cuida-se do planeta porque a casa está nele, ou seja, tudo tem um reflexo que retorna como um bumerangue, toda ação terá um resultado que volta ao agente. Trata-se de encontrar o *ethos* civilizacional.⁴⁴

Assim, Boff busca, nos mitos, entender essa essência humana “como linguagem para traduzir fenômenos profundos, indescritíveis pela razão analítica”.⁴⁵ O autor fala da fábula-mito do cuidado, onde encontraremos o *ethos* fundamental:

Certo dia, ao atravessar um rio, Cuidado viu um pedaço de barro. Logo teve uma ideia inspirada. Tomou um pouco do barro e começou a dar-lhe forma. Enquanto contemplava o que havia feito apareceu Júpiter. Cuidado pediu-lhe que soprasse espírito nele. O que Júpiter fez de bom grado. Quando, porém, Cuidado quis dar um nome à criatura que havia moldado, Júpiter o proibiu. Exigiu que fosse imposto o seu nome. Enquanto Júpiter e o Cuidado discutiam, surgiu, de repente, a Terra. Quis também ela conferir o seu nome à criatura, pois fora feita de barro, material do corpo da Terra. Originou-se então uma discussão generalizada. De comum acordo pediram a Saturno que funcionasse como árbitro. Este tomou a seguinte decisão que pareceu justa: — Você, Júpiter, deu-lhe o espírito, receberá, pois, de volta este espírito por ocasião da morte dessa criatura. — Você, Terra, deu-lhe o corpo; receberá, portanto, também de volta o seu corpo quando essa criatura morrer. — Mas você, Cuidado, foi quem, por primeiro, moldou a criatura, ficará sob seus cuidados enquanto ela viver. — E uma vez que entre vocês há acalorada discussão acerca do nome, decido eu: esta

⁴³ ZOBOLI, Elma Lourdes Campos Pavone. *A redescoberta da ética do cuidado: o foco e a ênfase nas relações*. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342004000100003>. Acesso em: 08 jul. 2018.

⁴⁴ BOFF, Leonardo. A busca de um ethos planetário. *Cadernos IHU-Ideias*, nº 169, ano 10, 2012. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/ideias/169cadernosihuideias.pdf>>. Acesso em: 08 jul. 2018.

⁴⁵ BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: ética do humano-compaixão pela terra*. 18 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p. 22.

criatura será chamada Homem, isto é, feita de húmus, que significa terra fértil”.⁴⁶

Toda atividade humana em sociedade e na natureza gera consequências mútuas e recíprocas. Pode-se dizer que a natureza devolve como retaliação tudo que recebe, logo, a ética do cuidado tem como ponto de partida a responsabilização por parte de todos e todas entre si e com o meio em que vivem. Cuidar do outro ou da outra é cuidar de si mesmo e mesma; cuidar do meio ambiente em que se vive é cuidar de si e das próximas gerações.

Não há, em pleno século XXI, mais tempo para o descaso quanto ao cuidado. É necessário empreender esforços para reparar o dano já causado, bem como evitar que maiores danos venham a ser causados à humanidade, assim, é importante ressignificar o cuidado, dando a ele *status* de ética como prática comum.

Como visto, é possível gerar consciência planetária por intermédio de um ecodesenvolvimento, gerado a partir do ecoempreendedorismo, em que se aplica a espiritualidade como forma de atingir uma ética sustentável de reverência à vida consubstanciada no cuidado demonstrado.

Destarte, demonstra-se que o caminho para um mundo sustentável passa, primordialmente, pela conscientização, que pode ser alcançada e viabilizada pelo empreendedorismo do setor de educação, o que facilitaria a construção de um valor capaz de ser transmitido pela aprendizagem, a aprendizagem para a vida. Segundo Salomão: “a relação por excelência do sujeito com o mundo, inclusive com os outros sujeitos, é uma relação de criação de conhecimentos, multiplamente enquadrável”.⁴⁷

Dessa forma, a construção de uma pedagogia interdisciplinar, que contribua para a transmissão desse valor da escola para a família e desta para a sociedade em geral, se faz urgente.

⁴⁶ BOFF, 2012, p. 51-52.

⁴⁷ SALOMÃO, M. M. A questão da construção do sentido e a revisão da agenda dos estudos da linguagem. *Revista Veredas*, Juiz de Fora, v. 03, n. 1. p. 74. jan./jun. 1999.

3 PEDAGOGIA

Partindo-se do conceito de pedagogia, verifica-se que, desde sua origem, ela se relaciona não a conteúdos a serem ministrados, mas a métodos, caminhos e meios que serão utilizados para que se alcance a educação. Conforme demonstra a etimologia da palavra “**pedagogia**”, ela nasce da derivação de dois radicais da língua grega PAIDOS, que significava “criança”, e AGOGE, que pode ser traduzido como “conduzir” ou “condução”.⁴⁸ Logo, pedagogia nada mais é do que a condução do educando e da educanda por intermédio dos meios capazes de otimizar todo o aprendizado.

Indo ao encontro do conceito antigo, verifica-se a adequação do conceito moderno, traduzindo-se a ideia de caminho ou meio para a educação, como se verifica no significado dado pela página *online* “Significados”.⁴⁹

Pedagogia é um conjunto de técnicas, princípios, métodos e estratégias da educação e do ensino, relacionados à administração de escolas e à condução dos assuntos educacionais em um determinado contexto.

A Pedagogia estuda os ideais de educação, segundo uma determinada concepção de vida, e dos processos e técnicas mais eficientes para realizá-los, visando aperfeiçoar e estimular a capacidade das pessoas, seguindo objetivos definidos.

Da análise de que pedagogia é o caminho usado para se atingir a educação, e a escola é meio de aplicação dessa educação, percebe-se que há uma correspondência com a concepção dada por Campos, em que essa escola, como espaço de diálogo, será o lugar de promoção para a conscientização da sociedade sobre a importância e o valor de, passo a passo, gerar uma sociedade mais responsável por seu futuro. Daí a relevância de os gestores e as gestoras escolares preocuparem-se com a inclusão de ecologia dentro de uma educação interdisciplinar. Segundo o autor:

A escola como *locus* de formação humana é espaço de diálogo, de trocas, de vida. Portanto, é uma instituição diferente e que deve ser reorientada a fim de que se permita a vivência coletiva entre gestores, professores, funcionários, alunos, e a família, para que se fortaleça a interação entre os grupos e se faça uma organização autêntica, respeitando as singularidades

⁴⁸ GRAMÁTICA. NET. *Origem das Palavras*. Disponível em: <<https://www.gramatica.net.br/origem-das-palavras/etimologia-de-pedagogia/>>. Acesso em: 13 jul. 2018.

⁴⁹ SIGNIFICADOS. *Pedagogia*. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/pedagogia/>>. Acesso em: 06 jul. 2018.

na pluralidade dos sujeitos. O gestor cumprirá a função de administrar a comunicação entre os sujeitos que compõem a escola, mediando o poder e as relações em busca de definir consensos, desvelando as tramas, encerrando os conflitos e, assim, afirmando a transparência e a democracia.⁵⁰

3.1 Educação

Como visto, o conhecimento não é algo pronto, está sempre em construção. Portanto, a pedagogia é o caminho para a educação, e a educação muda a tábua de valores de um povo. A própria Lei de Diretrizes e Bases, de 1996⁵¹, que disciplina a educação em nosso país, remete a ideia de que educação parte de um processo formativo, portanto, de um caminho para alcançar a finalidade de pleno desenvolvimento do educando e da educanda, vejamos:

Art. 1º A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

Art. 2º A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.⁵² (grifo nosso)

Posto isso, passemos ao conceito relevante de educação e educar, que, segundo o Dicionário Brasileiro Globo, é: “Educação, sf. Ato de educar, conjunto de normas pedagógicas aplicadas ao desenvolvimento geral do corpo e do espírito; polidez; cortesia; instrução; disciplinamento”, o que está diretamente ligado ao conceito de: “EDUCAR: V. TR. DIR. Dar educação a; ensinar; doutrinar; plantar; aclimatar; pr; instruir-se; cultivar o espírito”.⁵³

Portanto, do intercâmbio de ambos os conceitos, entende-se que a educação tem poder de mudança, poder de influenciar o educando e a educanda, o que, por si só, tem o poder de transformar uma sociedade inteira, partindo do

⁵⁰ CAMPOS, Casemiro de Abreu. *Gestão Escolar e Docência*. São Paulo: Paulinas, 2010 (Coleção pedagogia e educação). p. 73.

⁵¹ BRASIL-CEB/CNE. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional-LDB nº 9394/1996*. in: BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio. Brasília: Ministério da Educação, 1999.

⁵² *Lei de Diretrizes e Bases* (Brasil, 1996). Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm>. Art. 1º e 2º. Acesso em: 15 jul. 2018.

⁵³ FERNANDES, Francisco; LUFT, Celso Pedro; GUIMARÃES, F. Marques. *Dicionário Brasileiro Globo*. 56 ed. São Paulo: Globo, 1996.

pressuposto de que cada educando e educanda pode ser um agente transformador e uma agente transformadora em sua casa, sua rua, seu bairro, sua cidade.

Se todo indivíduo é um ser em evolução constante, é possível, nessa evolução, mudar os parâmetros de pensamentos e ações humanas e dar ao educando e à educanda, por intermédio da educação recebida, *status* de formador e formadora de opinião no meio onde convivem socialmente, pois, segundo Gadotti, somos seres inacabados que precisam do aprendizado:

Aprender vem de “ad” (junto de alguém ou algo) e “prahendere” (tentar prender, agarrar, pegar). Aprendemos porque somos seres inacabados: as tartarugas nascem “sabendo” o que precisam. Nascem na praia sem a presença da mãe. Mesmo assim, elas “sabem” que devem ir logo para o mar, caso contrário podem acabar na boca de algum predador.⁵⁴

Como visto, a educação é instrumento doutrinador, instrutor e disciplinador. Pensar empresas do setor educacional ou mesmo a educação pública com a responsabilização de formar pensamentos gera a ideia de que essas empresas e o Estado devem e podem ser ecorresponsáveis. Além disso, a educação pública também não pode se eximir, afinal, a Constituição Federal de 1988, afirma, em seu artigo 205, que:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (grifo nosso)

A educação é primordial para o desenvolvimento social e econômico de qualquer nação. A sociedade já percebeu que mudanças precisam ser realizadas com urgência. Se, no passado, a educação pode ter sido considerada um ralo do dinheiro público ou apenas um meio de renda da iniciativa privada, atualmente é reconhecida como um investimento a médio e longo prazo, e investimento para a própria sociedade. Mas, para ser profícua, precisa estar atualizada, compatível com o mundo globalizado atual, onde se demanda um conhecimento também muito mais amplo e uma aprendizagem para a vida prática.

Apesar do pensamento tímido em nosso contexto histórico sobre a educação a partir dos anos 1980, a própria realidade política e social demandou a construção de diferentes formas de organização da sociedade. Assim, o impacto das

⁵⁴ GADOTTI, Moacir. *Boniteza de um sonho: ensinar-e-aprender com sentido*. Novo Hamburgo: Feevale, 2003. p. 47.

transformações econômicas, políticas, sociais e culturais ocorridas propiciou mudanças significativas nas concepções educacionais.

Átila Lira assim analisa esse contexto de mudança:

A educação brasileira vive um clima de intensa efervescência, depois de um quarto de século em que o País conviveu com uma legislação educacional ortodoxa e contraditória no seu processo de formulação. Ortodoxa, pois inteiramente pautada por amarrações que lhe impossibilitavam a mínima flexibilidade na organização. Nada traduz melhor este formato travado do que a idéia de grade curricular.⁵⁵

Kuenzer complementa:

[...] após um amplo debate que envolveu educadores, pesquisadores e parlamentares, dirigentes educacionais, estudantes, servidores e representantes dos diversos segmentos organizados da sociedade, envolvidos de alguma forma com a educação, concretizou-se na proposta da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) [...].⁵⁶

Átila Lira apresenta, sabiamente, uma crítica ao modelo de aprendizagem fechado, em que os atores e as atrizes da aprendizagem estão enjaulados e enjauladas em currículos descontextualizados e com o conhecimento fragmentado. Dar vida ao currículo significa estimular o protagonismo juvenil, onde o e a jovem participam ativamente da construção do conhecimento.

Em sintonia com essas mudanças, foi aprovada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9.394/1996, que, no seu artigo 3º, destaca os seguintes princípios:

- I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;
- II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber;
- III - pluralismo de idéias e concepções pedagógicas;
- IV - respeito à liberdade e apreço à tolerância;
- V - coexistência de instituições públicas e privadas de ensino;
- VI - gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais;
- VII - valorização do profissional da educação escolar;
- VIII - gestão democrática do ensino público;
- IX - garantia de padrão de qualidade;
- X - valorização da experiência extra-escolar e;
- XI - vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais.⁵⁷
(grifo nosso).

⁵⁵ LIRA, Átila. 1997. In: CARNEIRO, Moacir Alves. *LDB fácil: leitura crítico-compreensiva artigo a artigo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. p. 9.

⁵⁶ KUENZER, Acacia. *Ensino Médio e Profissional: as políticas do Estado neoliberal*. 2 ed. São Paulo: Cortez Editora, 2000. p. 30.

⁵⁷ BRASIL-CEB/CNE, 1999. p. 39.

Como pode ser observado, a própria evolução social pede sempre mudanças e inovações na forma de tratar a educação. Hoje, 22 anos depois da edição da LDB, a realidade atual torna o empreendedorismo social na área da educação tema de suma relevância por sua natureza inovadora, na busca de melhorias sociais, portanto, pode-se inferir que o empreendedor e a empreendedora da educação privada, assim como os da educação pública, podem e devem preocupar-se em alcançar desenvolvimento sustentável social, ambiental e econômico. Por intermédio de uma educação inovadora em seus métodos, o caminho para uma sociedade conscientizada e conscientizadora poderá ser aberto.

3.2 Fugindo do paradigma da educação tradicional

Observa-se que a geração hodierna passa por uma mudança comportamental gerada pelo avanço tecnológico que, embora traga a ideia de que cada vez mais esses jovens educandos e essas jovens educandas estão bem informados e conectados, informadas e conectadas, o que se percebe é a necessidade de trazer para a atualidade uma reumanização, partindo de uma mudança no paradigma da educação hegemônica, em que existe uma soberania do educador e da educadora sobre o educando e a educanda, saindo do método conteudista e iniciando uma nova era, em que educadores e educadoras busquem melhores métodos, capazes de formar cidadãos e cidadãs pensantes por si só, que saibam interligar o todo, de forma a humanizar a educação, hoje mecanicista.

Boff, em seu livro *Saber Cuidar*, demonstra a frieza da atualidade e deixa claro que educadores e educadoras precisam começar pela ética do cuidado e, dentro dessa ética, o cuidado em todos os aspectos. Assim, os 3 Ps vistos no primeiro capítulo, podem e devem ser aplicados na educação dessa nova sociedade, vejamos:

O tipo de sociedade do conhecimento e da comunicação que temos desenvolvido nas últimas décadas ameaça a essência humana. Porventura, não descartou as pessoas concretas com as feições de seus rostos, com o desenho de suas mãos, com irradiação de sua presença, com suas biografias marcadas por buscas, lutas, perplexidades, fracassos e conquistas? Não colocou sob suspeita e até difamou como obstáculo ao conhecimento objetivo, o cuidado, a sensibilidade e o enternecimento, realidades tão necessárias sem que avance tecnologicamente na produção e serviço de bens materiais, será que não produz mais empobrecidos e excluídos, quase dois terços da humanidade, condenados a morrer antes do tempo?

Nossa meditação procura denunciar semelhante desvio. Ousamos apresentar caminhos de cura e de resgate da essência humana, que passam todos pelo cuidado.⁵⁸

A educação tradicional, em que o professor e a professora exercem sua atividade em aula expositiva e são apenas agentes de transmissão de conhecimento, não se preocupando se houve a interlocução completa ou se um ruído ocorreu nessa comunicação, não tem mais espaço na realidade de globalização atual, muito menos o método de avaliação em que o educador e a educadora, como mero informador e informadora do conhecimento, cobram posteriormente o conhecimento decorado apenas, e não submetem o e a discente a uma avaliação prática, além da formalidade escrita.

Segundo Salman, o padrão tradicional de educação acaba por engessar o educando e a educanda em conceitos represados em unidades, o que, por inferência, nos permite concluir que é um obstáculo ao aprendizado, vejamos:

Os fundamentos do modelo educacional padrão são inflexíveis e uniformes: vá a qualquer escola às sete ou oito da manhã e fique sentado ao longo de uma sucessão de períodos de aula, de quarenta a sessenta minutos cada, nos quais os professores falam e os alunos escutam. Há algum tempo para alimentação e exercícios físicos, e então todos vão para casa e fazem as lições. No currículo padrão, vastas e belas áreas do pensamento humano são artificialmente retalhadas em pedaços fáceis de manusear chamadas "matérias". Conceitos que deveriam fluir entre si como correntes oceânicas são represados em "unidades".⁵⁹ (grifo nosso)

Há que se buscar um meio eficaz de transmissão desse conhecimento para além do simples decorar, a ponto de tornar a educação o instrumento de disseminação de uma nova conscientização social sobre o viver sustentável.

É convergir da teoria pura para a necessidade prática do que se estuda, afinal, nem tudo o que se ensina na escola tem significado para a vida, o que pode explicar, em alguns casos, a falta de interesse do educando e da educanda em agregar conhecimento. Na prática, o e a docente observam que a maioria dos alunos e das alunas busca apenas aprovação para aquele semestre ou ano letivo, posteriormente apagando de sua memória grande parte daquilo que lhe foi informado e passado pelo professor ou pela professora. Diante dessa observação

⁵⁸ BOFF, Leonardo. *Saber Cuidar: ética do humano - compaixão pela terra*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999. p. 199.

⁵⁹ KHAN, Salman. *Um mundo uma escola: a educação reinventada*. Rio de Janeiro: Intrínseca Ltda. Edição digital, 2013. p. 49.

comum entre os docentes, Ordine mostra, em seu livro “A utilidade do inútil”, a questão do utilitarismo daquilo que se ensina e aprende na escola:

Numa acepção muito mais universal, coloco no centro das minhas reflexões a ideia da utilidade daqueles saberes cujo valor essencial está completamente desvinculado de qualquer fim utilitarista. Há saberes que têm um fim em si mesmos e que – exatamente graças à sua natureza gratuita e livre de interesses, distante de qualquer vínculo prático e comercial – podem desempenhar um papel fundamental no cultivo do espírito e no crescimento civil e cultural da humanidade. Nesse sentido, considero *útil* tudo o que nos ajuda a nos tornarmos melhores.⁶⁰

Para tanto, uma educação voltada à humanização, tanto de educadores e educadoras quanto dos educandos e das educandas, prescinde conceitos e princípios prontos ou pré-fabricados. Há uma necessidade de fazer com que a educação busque alcançar os corações, não simplesmente romantizando a relação escola, professor, professora e família, mas de fato encucando a ética da responsabilização por si, e pelo meio que se vive, até gerar educandos e educandas realmente formadores e formadoras de opinião fora do espaço escolar, com consciência do individual e do coletivo, criando-se, assim, uma identidade comum entre os agentes envolvidos e as agentes envolvidas na educação, tanto os alunos e as alunas, alvos dessa metodologia inovadora e humanizadora de se ensinar, como os professores divulgadores e as professoras divulgadoras do pensamento sustentável.

Quebrar paradigmas não é coisa fácil a se fazer quando os atores envolvidos estão acomodados e as atrizes envolvidas estão acomodadas na forma tradicional. Tanto os professores e as professoras foram formados e formadas no método tradicional quanto os alunos e as alunas, desde sua tenra idade e início escolar, acostumaram-se com o método de aulas expositivas, avaliações pré-fabricadas, já com questões fechadas, em que não se estimula em quase nada a criatividade e o senso crítico que, naturalmente, iria criar empatia entre aluno, a aluna e o conteúdo posto a seu dispor.

Naturalmente, o início de um novo método de ensino poderia gerar resistência de ambas as partes envolvidas, mas o medo do novo não pode ser invocado como obstáculo à mudança necessária e à busca desse ideal ecológico e sustentável em todas as suas vertentes.

⁶⁰ ORDINE, Nuccio (2016-02-03 T 23:58:59). *A utilidade do inútil*: um manifesto. Locais do Kindle 77-81. Zahar. Edição do Kindle.

Esse pode parecer apenas um pensamento romântico e utópico sobre a educação, mas se deve compreender que a atuação dos atores envolvidos e atrizes envolvidas precisa ser para além da mera obtenção de lucro – no que tange ao agente educador, empresa educacional ou Estado –, voltada ao cidadão e à cidadã a ser modificado ou modificada por essa educação. Assim, um primeiro passo a ser dado é buscar, nessa educação, formas que deem sentido ao que está sendo ensinado, ou seja, conforme Ordine demonstra, é preciso compreender a utilidade do que se aprende, para, dessa forma, o cidadão exposto e a cidadã exposta aos ensinamentos não virem a ser mero repetidor e mera repetidora de ações, mas que sintam prazer em praticar o que aprenderam:

“Se não se compreende a utilidade do inútil e a inutilidade do útil, não se compreende a arte”, observou acertadamente Eugène Ionesco. E não por acaso, muitos anos antes, ao descrever o ritual do chá, Kakuzo Okakura havia identificado no prazer de colher uma flor para oferecê-la à sua companheira o momento preciso no qual o homem havia se elevado acima dos animais: “Penetrou no reino da arte quando percebeu o sutil uso do inútil”, explica o escritor japonês em O livro do chá. Num só golpe, um prazer redobrado: a flor (o objeto) e o ato de colhê-la (o gesto) representam o inútil, questionando o necessário e o lucro.⁶¹

Segundo Rubens Alves, a escola ideal seria aquela que ensina o aluno e a aluna a pensar com utilidade, assim, o professor e a professora devem ter coragem sempre de perguntar para que irá servir determinado ensino, vejamos:

O que o menino vai fazer com encontro consonantal, pra que serve isso? Pra nada. E dígrafo, pra que serve? Pra nada. Era preciso que os professores parassem e dissessem: “não vamos seguir o programa, vamos fazer as coisas que são essenciais no ambiente em que a criança vive”. Então eu diria que os professores teriam que fazer sempre essa pergunta: “isso que eu vou ensinar serve pra quê?”⁶²

Dessa forma, é possível inferir que esse aluno e essa aluna, percebendo o sentido de seu aprendizado, se sentirá envolvido e envolvida com o tema estudado, a ponto de não só colocá-lo em prática, mas também de ser capaz de transmitir, no seio familiar, rol de amigos, amigas e comunidade onde reside, com a mesma intensidade e empolgação, o conhecimento adquirido e internalizado.

⁶¹ ORDINE, Locais do Kindle 173-178.

⁶² ALVES, Rubens. *A escola ideal* – o papel do professor. Vídeo disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=qjyNv42g2XU>>. 4:35 min. a 5:01 min. Acesso em: 15 set. 2018.

3.3 Ensino e Aprendizagem

Os vários modelos de educação já experimentados mostram que o processo de ensino precisa desenvolver no e na discente o sentimento de pertencimento ao meio em que está inserido e inserida, a ponto de a aprendizagem não ser meramente repetição de dados passados pelos educadores e pelas educadoras, mas um princípio internalizado capaz de levar à prática habitual e à transmissão desse sentir e agir fora do ambiente escolar, como já preconizado em todo este trabalho.

Ensino tem que ser meio de formação e capacitação para a vida, afinal, o mote da educação mudou, principalmente hoje, com as gerações Y e Z, que buscam significado na aprendizagem, fugindo da educação formal. Logo, é necessário, dentro dessa capacitação, ter uma formação humana, embora, para Maturana, a maior dificuldade na educação está em distinguir a formação humana e a capacitação, diferenciando-as da seguinte forma:

A) Formação humana tem a ver com o desenvolvimento da criança como pessoa capaz de ser co-criadora com outros de um espaço humano de convivência social desejável. [...]

B) [...] A capacitação tem a ver com aquisição de habilidades e capacidades de ação no mundo no qual se vive, como recursos operacionais que a pessoa tem para realizar o que quiser viver.⁶³

“Aprendizagem” além de mero agregar conteúdo; aprendizagem como internalizadora do conhecimento na vida social, que precisa tornar o e a discente autor e autora ou coautor e coautora do conhecimento produzido; é dar autonomia ou protagonismo nesse aprendizado, daí a dificuldade e necessidade de se buscar a motivação do e da discente através de uma interdisciplinaridade incentivadora.

Isso deve ser feito por intermédio de uma educação que consiga problematizar a relação do e da discente com o meio em que vivem, a ponto de fazê-los participantes da vida em comunidade, fazendo o e a discente entenderem e apreenderem não apenas conceitos. Maturana faz seu leitor e sua leitora pensarem sobre as possibilidades de o ser humano atual não estar sendo capaz de obter uma autoconsciência crítica, exatamente por não se sentir parte de um todo, e, portanto, não saber conviver em sociedade, vejamos:

⁶³ MATURANA, Humberto; REZEPKA, Sima Nisis de. *Formação e capacitação*. Petrópolis/RJ. Vozes, 2000. p. 11.

Ou seja, poderia o ser humano desenvolver uma teoria capaz de dar conta dos processos que geram. Sua própria conduta, incluída a conduta autodescritiva, isto é, a conduta de descrição de si mesmo ou autoconsciência? É possível explicar a grande dificuldade de poder atingir um desenvolvimento social harmônico e estável (aqui e em qualquer parte do mundo) através do vazio de conhecimentos do ser humano sobre a sua própria natureza? Noutras palavras, será possível que nossa grande eficácia para viver nos mais diversos ambientes se veja eclipsada e por fim anulada diante de nossa incapacidade para conviver com os outros?⁶⁴

Recentemente, o “Jornal Nacional” exibiu matéria sobre o evento “EDUCAÇÃO 360”, ocorrido na cidade do Rio de Janeiro, promovido pelos jornais “O Globo” e “Extra”. Foi um importante evento, em que especialistas do Brasil e do mundo discutiram os caminhos da educação. Ao observar os temas em discussão, percebe-se o quanto o futuro depende da forma que vai se encarar a educação daqui para frente, e tanto o Estado quanto a família e a sociedade, num todo, precisam se preocupar com a nova geração.

Foram citados exemplos em que a educação serviu como influenciadora, a partir da ensinagem para além da forma tradicional e das portas da escola, provocando uma aprendizagem de fato modificadora, como, por exemplo, a redução da violência na Colômbia a partir de investimentos na educação, inclusive com ações estatais fora da sala de aula que conduziram o e a jovem a uma mudança de comportamento. Logo, nada impede, por exemplo, que ações extracurriculares sejam implantadas no sistema educacional para promover a aprendizagem de fato quanto ao tema sustentabilidade, como visto no evento “Educação 360”:

Jorge Melguizo foi secretário de cultura de Medellín, na Colômbia, quando o tráfico de drogas expunha toda a população ao perigo. Conseguiu reduzir o impacto da violência com investimentos na educação infantil e urbanização da cidade, com criação de parques e centros de inclusão social.⁶⁵

Durante esse evento, cadeiras expostas com os pés serrados mostraram a crise na educação e que a solução vai além das salas de aula:

No meio de toda essa discussão, carteiras com os pés serrados têm uma simbologia: a crise na educação. O que o encontro mostra é que os caminhos para enfrentar essas dificuldades não passam necessariamente pela sala de aula. Passam muito mais por um olhar atento aos habitantes de

⁶⁴ MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. *A árvore do conhecimento*. As bases biológicas do conhecimento humano. WORKSHOPS – Campinas/SP, 1995. p. 13 e 14.

⁶⁵ JORNAL NACIONAL. *Evento Educação 360°*. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2018/09/24/no-rio-especialistas-debatem-futuro-da-educacao-no-evento-educacao-360.ghtml>>. Acesso em: 25 set. 2018.

cada lugar e o potencial deles para transformar o que for preciso.⁶⁶ (grifo nosso)

Fica evidente o quanto a ensinagem precisa ser vista com um olhar abrangente às questões ambientais e consequências da globalização, aliada ao mercantilismo selvagem atual. Ensinar não apenas para dar a possibilidade de o educando e a educanda adquirirem um título ou diploma, mas ensinar para se obter a aprendizagem de fato e ensinar para a vida prática, aprendendo e apreendendo valores, e não apenas conceitos, é ensinar com responsabilidade social:

Ensinar precisa ser sinônimo de coisa séria, senão! Para que ensinar? É hora de refletir! Este é o momento para conclamar as pessoas comprometidas na área educacional, bem como todos da sociedade brasileira, a serrarem fileiras em torno de um paradigma, que venha disciplinar com eficiência a Educação Ambiental Pró-Recuperação de Recursos Naturais.⁶⁷

3.4 Interdisciplinaridade

Quando se fala em pedagogia, é comum ouvir a expressão interdisciplinaridade, mas, na prática, o que se observa é ainda uma forma de educar por intermédio de disciplinas fragmentadas umas das outras, em que não se observa haver uma coesão entre a parte e o todo, talvez daí se explique a ineficiência em alcançar um apreender de conteúdos aplicáveis à vida existencial do indivíduo em sociedade. A interdependência de saberes é real num mundo globalizado, logo, é um equívoco ensinar com base em conteúdos destoantes um do outro. A Revista do Professor traz uma matéria sobre o tema, na qual deixa bem claro esse equívoco:

Enquanto o mundo cada vez se une mais, através de avançadas tecnologias, a escola continua – na maioria dos casos – trabalhando de forma fragmentada, através de currículos onde as disciplinas funcionam com hora marcada, dissociadas umas das outras, embora orientadas por especialistas em conteúdo e metodologias. É nesse contexto que se faz necessário pensar uma prática pedagógica interdisciplinar.⁶⁸

Portanto, se a escola almeja alcançar a conscientização de sustentabilidade

⁶⁶ JORNAL NACIONAL. *Evento Educação 360º*. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2018/09/24/no-rio-especialistas-debatem-futuro-da-educacao-no-evento-educacao-360.ghtml>>. Acesso em: 25 set. 2018.

⁶⁷ RODERVAL, Wilson. *Todo sistema de educação é educação ambiental: Educação sem discriminação*. (Locais do Kindle 487-492). Edição do Kindle.

⁶⁸ HERNANDEZ, Aline Reis Calvo; HERNANDEZ, Ivane Reis Calvo. *Revista do Professor*, Porto Alegre, 15 (57) 22-24, jan./mar. 1999.

ambiental social e econômica, a partir de uma pedagogia ecológica, será necessário inserir o tema sustentabilidade, em seu Projeto Político Pedagógico⁶⁹ – PPP, de forma interdisciplinar, de modo que todos os conteúdos programáticos levem o e a discente à reflexão e internalização sobre sua interdependência ao ambiente. Assim, o meio ambiente será visto como todo e qualquer lugar que se está, segundo Roderval:

Além de seus cognatos a educação começa no ambiente, lar, igreja, escola, sociedade, etc. e assim sendo educação formal ou informal somente pode acontecer no meio ambiente onde estão cercados, educando e educador.⁷⁰

Portanto, os conteúdos inclusos a cada componente curricular necessitam ser apropriados pelo educando e pela educanda, o que só acontecerá se esses conteúdos tiverem relação com o meio ambiente que ele/ela vive, e tenham a ver com o seu modo de vida. Roderval nos mostra, com o pensamento posto acima, que a educação abrange todos os espaços físicos onde esse educando, essa educanda, educador e educadora vivem, restando claro que essa interdisciplinaridade vai além da introdução de temas comuns a cada componente curricular, mas sim que passa pela pesquisa do gestor ou da gestora escolar do ambiente onde está sua empresa ou escola pública. É o que se chama de responsabilidade social corporativa, em que as *stakeholders*, ou grupos de interesse mútuo, podem resultar em benefício à sociedade onde a empresa está inserida,

a responsabilidade social corporativa é vista não quanto ao comportamento exemplar de algumas empresas particulares, mas como parte do tecido da economia. Isso inclui o desenvolvimento de um modelo de participação generalizada de múltiplos *stakeholders*, parcerias, construção de instituições e políticas públicas.⁷¹

É importante o entendimento de que a interligação dos conteúdos torna a aplicação da ecopedagogia como nova teoria pedagógica plausível, afinal, segundo Rocha e Martini, para criar uma nova teoria, é preciso partir dos conhecimentos já aplicados:

⁶⁹ A autora optou por focar em sua pesquisa no Projeto Político Pedagógico – PPP, embora entenda que caberia também uma reflexão sobre o Plano de Desenvolvimento Institucional – PDI.

⁷⁰ RODERVAL, Locais do Kindle 202-204.

⁷¹ GRIESSE, Margaret Ann. *Ética Empresarial e Responsabilidade Social Corporativa à Luz da Teoria de Julgamento Moral*, de Lawrence Kohlberg. Impulso, Piracicaba, 14(35): 33-48, 2003. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/8382873-Etica-empresarial-e-responsabilidade-social-corporativa-a-luz-da-teoria-de-julgamento-moral-de-lawrence-kohlberg.html>>. Acesso em: 27 set. 2018.

Para ele, construir uma nova teoria não é partir do “nada”, mas vincular o que já se sabe, como o novo a ser investigado. Esta relação entre teorias foi fundamental pra a construção da Teoria Sistêmica, que tem como base na transdisciplinaridade (como destacamos no item anterior onde apresentamos os fundamentos dos vários trabalhos por Luhmann para construir sua teoria). A associação de tudo com tudo, sua teoria foi construída com um “método antigo”: anotar, escrever tudo, de modo ordenado; [...] ⁷² (grifo nosso)

Conseqüentemente, esse entendimento fundamenta a ideia de que a nova teoria não se encontra como um pensamento irresponsável ou sem fundamento científico, mas, ao contrário, coaduna com a responsabilização social, não só do indivíduo, mas também das empresas educacionais. Aqui se traz à baila a questão da utilidade do que é ensinado. Conforme Ordine, o problema da educação atual está exatamente em se sobrepor o interesse econômico sobre as questões humanistas:

Nesse contexto brutal, a utilidade dos saberes inúteis contrapõe-se radicalmente à utilidade dominante que, em nome de um interesse exclusivamente econômico, está progressivamente matando a memória do passado, as disciplinas humanísticas, as línguas clássicas, a educação, a livre pesquisa, a fantasia, a arte, o pensamento crítico e o horizonte civil que deveria inspirar toda atividade humana. No universo do utilitarismo, um martelo vale mais que uma sinfonia, uma faca mais que um poema, uma chave de fenda mais que um quadro: porque é fácil compreender a eficácia de um utensílio, enquanto é sempre mais difícil compreender para que podem servir a música, a literatura ou a arte. ⁷³

Logo, interdisciplinaridade consiste em, voluntariamente, o gestor e a gestora educacional organizarem seu PPP de forma que as disciplinas sejam interligadas, buscando o aprendizado de seus interlocutores e suas interlocutoras:

O interdisciplinar consiste num tema, objeto ou abordagem em que duas ou mais disciplinas intencionalmente estabelecem nexos e vínculos entre si para alcançar um conhecimento mais abrangente, ao mesmo tempo diversificado e unificado. Verifica-se, nesses casos, a busca de um entendimento comum (ou simplesmente partilhado) e o envolvimento direto dos interlocutores. Cada disciplina, ciência ou técnica mantém a sua própria identidade, conserva sua metodologia e observa os limites dos seus respectivos campos. É essencial na interdisciplinaridade que a ciência e o cientista continuem a ser o que são, porém intercambiando hipóteses, elaborações e conclusões. ⁷⁴

⁷² ROCHA, Leonel Severo; MARTINI, Sandra Regina. *Teoria e prática dos sistemas sociais e direito*. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2016. p. 14.

⁷³ ORDINE, Locais do Kindle 110-115.

⁷⁴ BALBINO, Michele Lucas Cardoso; OLIVEIRA, Laene Leticia Vieira de. A interdisciplinaridade na educação ambiental e sua aplicação no ensino superior. In: *Âmbito Jurídico*, Rio Grande, XVII, n. 123, abr. 2014. COIMBRA, 2000, p. 58. Disponível em: <http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php/thumb.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=14062>. Acesso em 3 out 2018.

Por conseguinte, pode-se entender a interdisciplinaridade colocando-se temas sobre a sustentabilidade como componente central de cada componente curricular, ou seja, a comunicação das disciplinas pode ser uma das estratégias necessárias para se obter a internalização e a disseminação da consciência sustentável em todas as suas vertentes. O desenvolvimento da cognição, aliado à repetição do tema, bem como a vivência e o sentimento de necessidade podem dar sentido ao aprendido.

Contudo, faz-se necessário criar a cultura de ensinar a sustentabilidade. Gadotti fala sobre a importância do papel do professor e da professora atuais:

O novo professor é um profissional do sentido. Diante dos novos espaços de formação (diversas mídias, ONGs, Internet, espaços públicos e privados, associações, empresas, sindicatos, partidos, parlamento...), o novo professor integra esses espaços e deixa de ser lecionador para ser um “gestor” do conhecimento social (popular), o profissional que seleciona a informação e dá/constrói sentido para o conhecimento, um mediador do conhecimento. “Gestor” aqui significa construtor, organizador, mediador, coordenador. Não se confunde com “gerente” de uma empresa.⁷⁵

Ainda quanto ao do pensamento de Gadotti, pode-se deduzir que todo o discurso de sustentabilidade tem deixado seu legado ao longo dos anos, o que pode tornar a efetivação de uma educação ecológica um caminho mais fácil a ser percorrido, perpassando pela implantação de medidas e práticas ecológicas na própria instituição educacional até a complementação do Projeto Pedagógico e do Plano de Desenvolvimento da instituição. A mesclagem da interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade, aplicadas à necessidade de sustentabilidade, poderá tornar o educador capaz de cumprir seu papel de formador de mentes ecológicas, segundo diz Gadotti:

Três décadas de debates sobre “nosso futuro comum” deixaram algumas pegadas ecológicas, tanto no campo da economia, quanto no campo da ética, da política e da educação, que podem nos indicar um caminho diante dos desafios do Século XXI. A sustentabilidade tornou-se um tema gerador preponderante neste início de milênio para pensar não só o planeta, mas também a educação; um tema portador de um projeto social global e capaz de reeducar nosso olhar e todos os nossos sentidos, capaz de reacender a esperança num futuro possível, com dignidade, para todos.⁷⁶

Destarte, Gadotti ainda se refere a uma “pedagogia da terra”, isso para ser aplicada à realidade atual: “Precisamos de uma “pedagogia da terra”, uma

⁷⁵ GADOTTI, Moacir. *Boniteza de um sonho: ensinar-e-aprender com sentido*. Novo Hamburgo: Feevale, 2003. p. 52 e 53.

⁷⁶ GADOTTI, 2003, p. 59.

pedagogia apropriada para esse momento de reconstrução paradigmática, apropriada à cultura da sustentabilidade e da paz”.⁷⁷

Feitas todas essas considerações, reforça-se o poder da educação através do fazer pensar e refletir sobre a nossa própria existência futura. Gadotti chama atenção para essa pedagogia da terra ao destacar, entre outros saberes/valores, o “ensinar a identidade terrena como condição humana essencial”:

[...] Ensinar a identidade terrena como condição humana essencial. Nosso destino comum no planeta, compartilhar com todos, sua vida no planeta. Nossa identidade é ao mesmo tempo individual e cósmica. Educar para conquistar um vínculo amoroso com a Terra, não para explorá-la, mas para amá-la. Formar para a consciência planetária. Compreender que somos interdependentes. A Terra é uma só nação e nós, os terráqueos, os seus cidadãos. Não precisaríamos de passaportes. Em nenhum lugar na Terra deveríamos nos considerar estrangeiros. Separar primeiro de terceiro mundo significa dividir o mundo para governá-lo a partir dos mais poderosos; essa é a divisão globalista entre globalizadores e globalizados, o contrário do processo de planetarização.⁷⁸

Portanto, falar dessa interdisciplinaridade é pensar a sustentabilidade em todas as suas dimensões, entendendo o e a discente como agentes participantes de cada uma delas; como dito alhures, criar a identidade comum, capaz de gerar uma conscientização em toda a sociedade, partindo dos portões escolares. Logo, conforme demonstra o quadro abaixo, nenhum dos e das agentes da educação e nem dos receptores e das receptoras da educação poderá estar fora das dimensões apresentadas:

Tabela 1: Dimensões da sustentabilidade

AMBIENTAL	Análise em relação à influência do presente e do futuro do homem, visando à qualidade do meio ambiente e à preservação da biodiversidade, como, por exemplo, avaliar as situações de poluição na atmosfera.
ECONÔMICA	Considera as condições de infraestrutura e oportunidade no mercado, uma análise de apontadores econômicos relacionados à venda, taxa de investimento, segurança alimentar. (Carlos Miranda e Aureliano Matos. 2002)
TECNOLÓGICA	Descreve, de forma qualitativa, os pontos onde há deficiências, as ausências e as demandas que afetam a produtividade e comprometem a qualidade dos produtos, tendo como alvo o aumento de produção associado à sustentabilidade ambiental. Supõe, ainda, inovação e capacitação científica e tecnológica.
SOCIAL	Leva em conta o desenvolvimento da população, sua composição, emprego, distribuição de renda justa, oferta e qualidade da infraestrutura, situação geral da educação, igualdade no acesso de recursos sociais, qualidade de vida discente.
CULTURAL	Um equilíbrio entre respeito ao que é tradicional e o que é novo, inclui uma apreciação dos grupos sociais e diferentes manifestos histórico-culturais

⁷⁷ GADOTTI, 2003, p. 59.

⁷⁸ GADOTTI, 2003, p. 60.

	artísticos e artesanais. Visa compreender as diferentes tradições e suas formas de manifestações, é opositor às cópias e possui autoconfiança.
POLÍTICA	Está diretamente ligada ao exercício do poder local e às relações externas, tem como base uma análise do sistema político, como funciona o governo. A capacidade de o governo implementar um projeto, a relação entre estado-sociedade, participação da sociedade.

Fonte: Miranda & Matos (2002); Sachs (2009).⁷⁹

Consequentemente, partindo da interdisciplinaridade pedagógica, pode-se obter uma contribuição de várias áreas em seus múltiplos aspectos, além de compreender o educando e a educanda como indivíduos pertencentes a um núcleo próprio, porém, não dissociado do todo em que está inserido. Assim, o educador e a educadora, no processo de ensinagem, veem o educando e a educanda, segundo Cláudia Cristina Lopes Machado, como: “atores sociais ou protagonistas do mundo da vida”⁸⁰. Portanto, por meio da educação, pode-se criar uma geração sustentável, cabendo ao empreendedor da área educacional, bem como ao governo, aos educadores e as educadoras, em geral, adquirirem essa responsabilização social.

A atual Base Nacional Comum Curricular – BNCC do ensino médio nacional reconhece a importância de se criarem valores no educando e na educanda, a partir da educação e a inter-relação das competências como sendo imprescindível a cada fase da educação:

Ao definir essas competências, a BNCC reconhece que a “educação deve afirmar valores e estimular ações que contribuam para a transformação da sociedade, tornando-a mais humana, socialmente justa e, também, voltada para a preservação da natureza” (BRASIL, 2013), mostrando-se também alinhada à Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas (ONU).

É imprescindível destacar que as competências gerais da Educação Básica, apresentadas a seguir, inter-relacionam-se e desdobram-se no tratamento didático proposto para as três etapas da Educação Básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio), articulando-se na construção

⁷⁹ BALBINO, Michele Lucas Cardoso; OLIVEIRA, Laene Leticia Vieira de. A interdisciplinaridade na educação ambiental e sua aplicação no ensino superior. In: *Âmbito Jurídico*, Rio Grande, XVII, n. 123, abr. 2014. Disponível em: <http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php/thumb.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=14062>. Acesso em 3 out. 2018.

⁸⁰ MACHADO, Claudia Cristina Lopes. *Discursos e práticas dos atores sociais envolvidos na problemática dos materiais recicláveis em Fazenda Rio Grande/PR: uma via para revelar os conflitos socioambientais relacionados com os resíduos sólidos urbanos do município*. Tese (Doutorado) apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento – MADE - UFPR. Disponível em: <<http://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/36877>>. 2014. p. 35. Acesso em: 23 fev. 2017.

de conhecimentos, no desenvolvimento de habilidades e na formação de atitudes e valores, nos termos da LDB.⁸¹ (grifo nosso)

O aluno exposto e a aluna exposta a uma educação interdisciplinar humanizadora deixam de ser mero espectador e mera espectadora do conhecimento, como agente passivo e passiva do conhecimento, passando a ser os e as protagonistas do sistema; negar este papel a eles e a elas significa negar-lhes a própria identidade, o seu direito de atuação em um mundo globalizado, capitalista, repleto de injustiças sociais, que marginaliza e discrimina o ser humano nas suas diversas formas de atuação.

Assim, dentro desse ideal, a escola voltada para uma interdisciplinaridade ecopedagógica atingirá seu papel divulgador e formador da conscientização de sustentabilidade da vida em todos os seus aspectos. É o buscar a ecopedagogia na prática interdisciplinar, afinal, ecopedagogia é muito mais que simples ecologia posta no currículo, pois se trata de planetaridade, conforme veremos a seguir.

⁸¹ Base Nacional Comum Curricular - BNCC. p. 8 e 9. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wpcontent/uploads/2018/04/BNCC_EnsinoMedio_embaixa_site.pdf>. Acesso em: 07 out. 2018.

4 ECOPEDAGOGIA

Ao se ler a palavra ecopedagogia, a primeira impressão é de que se trata de uma pedagogia voltada para a ecologia, focada apenas nos assuntos ambientais, mas, ao estudar o assunto, logo se percebe que o termo significa muito mais que isso, é sustentabilidade em seu sentido mais extenso possível. Segundo Gadotti, ecopedagogia é um conceito muito mais amplo do que pensar em ecologia e economia, assim, pode-se entender a ecopedagogia como um método capaz e eficaz de se aplicar a sustentabilidade dentro da visão multidimensional de Elkington, os três Ps (*People, Planet and Profit* ou, em português, Pessoas, Planeta e Lucro), no Brasil, conhecida como tripé da sustentabilidade, já citado no primeiro capítulo. Assim Gadotti a conceitua:

O conceito de Ecopedagogia está relacionado com a sustentabilidade, para além da economia e da ecologia. A ecopedagogia inclui abordagens de planetaridade, educação para o futuro, cidadania planetária, virtualidade e Pedagogia da Terra. A meta desse enfoque é discutir os paradigmas da terra como uma comunidade global. Os princípios da ecopedagogia são mais amplos do que a educação ambiental, desde que seu debate inclui processos de "coeducação", no marco da cultura de sustentabilidade dentro e fora das escolas. A sustentabilidade educativa está além das nossas relações com o ambiente – ela se insere desde o cotidiano da vida, o profundo valor da nossa existência e nossos projetos no Planeta Terra. Neste sentido, a ecopedagogia, ou a Pedagogia da Terra, é algo mais apropriado para a construção coletiva da Carta da Terra.⁸²

Tentando responder às inquietações sobre como criar essa consciência coletiva sustentável, serão analisados esses conceitos pedagógicos inseridos numa interdisciplinaridade pedagógica, ou mesmo a ecopedagogia, o que não é um caminho fácil, porém necessário. Cláudia Cristina Lopes Machado assim se posiciona:

O estudo da problemática socioambiental, avança a autora, é um difícil caminho de articulação entre as ciências. Cada uma delas passa a ser "objeto de estudo localizado em um amplo contexto social, político, filosófico, jurídico e comunicacional" (DEL VECCHIO DE LIMA, 2002, p. 32). Esse contexto interdisciplinar convida todas as dimensões para dialogarem, no que Leff (2009) chama de "diálogo dos saberes", que se produz no "encontro de identidades, em que o saber ambiental se faz solidário de uma política do ser, da diversidade e da diferença" (p. 37). É importante esclarecer, contudo, frisa Raynaut (2011), que o saber interdisciplinar, no processo de construção do conhecimento científico híbrido, "requer que se

⁸² GADOTTI, Moacir. *A Ecopedagogia como pedagogia apropriada ao processo da Carta da Terra*. Disponível em: <http://www.ufmt.br/revista/arquivo/rev21/moacir_gadotti.htm>. Acesso em: 12 out. 2018.

evidenciem as conexões, as correspondências existentes entre fatos ordenados e campos disciplinares distintos" (p.87). (grifo nosso)⁸³

Para a autora citada acima, “a educação parece assumir lugar-chave nos discursos e nas estratégias de governo e de cidadãos e cidadãs, pelo seu caráter emancipador e de transformação”⁸⁴, entretanto, há que se pensar como e com quais processos pedagógicos poderá se alcançar o poder influenciador da educação, bem como em que áreas a educação pode modificar comportamentos, assim, poder-se ia mudar o pensamento ecológico e planetário, por exemplo:

As pedagogias clássicas eram antropocêntricas. A ecopedagogia parte de uma consciência planetária (gêneros, espécies, reinos, educação formal, informal e não formal...). Ampliamos o nosso ponto de vista. Do homem para o planeta, acima de gêneros, espécies e reinos. De uma visão antropocêntrica para uma consciência planetária, para uma prática de cidadania planetária e para uma nova referência ética e social: a civilização planetária.⁸⁵

Conceitos como ecoeducação e ecoformação são similares e nos levam à ecopedagogia como, possivelmente, sendo capaz de gerar uma consciência planetária em sua dimensão de interdependência. Assim, a ecoeducação, ou mesmo a ecoformação, tem a ver com conceitos de sustentabilidade para a vida atual e futura; não se pode mais olvidar dos efeitos nefastos que a falta de consciência ecológica tem causado ao planeta. Criar meios de formar cidadãos e cidadãs conscientes torna-se urgente, logo, a ecoeducação pode ser definida como a sustentabilidade no contexto ambiental, e, também, como a educação para a vida futura em sua planetaridade, o que é a ambição de alcance com a ecopedagogia.

Definição de eco-educação

O conceito de Educação Ambiental tem tido uma assinalável evolução de significado. No começo assume um carácter naturalista, o qual integra a defesa do regresso ao passado e a recusa do desenvolvimento. Actualmente significa um equilíbrio entre o meio natural e o homem, com vista à construção de um futuro pensado e vivido numa logica de desenvolvimento e progresso.

A Educação Ambiental é aceite, cada vez mais, como sinónimo de educação para o desenvolvimento sustentável ou de educação para a sustentabilidade.

⁸³ MACHADO, Claudia Cristina Lopes. *"Discursos e práticas dos atores sociais envolvidos na problemática dos materiais recicláveis em fazenda Rio Grande/PR"*. 2014. p. 35.

⁸⁴ MACHADO, 2014, p. 36.

⁸⁵ ELIZIÁRIO, Magda. *Ecopedagogia por uma educação com sustentabilidade*. Disponível em: <<http://megui20092009.blogspot.com.br/2011/07/ecopedagogia-por-uma-educacao-com.html>>. Acesso em: 13 out. 2017.

A necessidade de uma educação que tenha como finalidade a formação de cidadãos "ambientalmente cultos", intervenientes e preocupados com a defesa e melhoria da qualidade do ambiente natural e humano, reúne um largo consenso, tanto a nível internacional, como no nosso país. A Educação Ambiental deverá constituir uma preocupação de carácter geral e permanente na implementação do processo de educação, pressupondo uma clara definição de intenções educativas e uma "ambientalização" dos conteúdos, estratégias e atividades de ensino e aprendizagem.⁸⁶

Portanto, a formação ecopedagógica, por intermédio do ecoempreendedorismo educacional, corresponde ao ideal de conscientização global de sustentabilidade. Apesar de, segundo Karla Hansen, a ecopedagogia ser um conceito ainda em construção, provavelmente irá se consolidar:

A Ecopedagogia é um conceito ainda em construção e é definido mais como um movimento do que como uma nova teoria de educação. No Brasil, o principal centro de estudo sobre a Ecopedagogia é o Instituto Paulo Freire, em cujo *site* existe uma série de documentos e artigos sobre o tema, entre eles "Pedagogia da Terra - ideias centrais para um debate", de Moacir Gadotti, professor titular da Universidade de São Paulo e diretor do IPF. O artigo foi apresentado no I Fórum Internacional sobre Ecopedagogia, realizado pela Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Porto, Portugal, em março de 2000. Nele, o professor Gadotti aborda o contexto em que a ecopedagogia surge, particularmente no Fórum Global 92, evento paralelo à Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento de 1992, Rio-92, e seus princípios fundamentais. "...a ecopedagogia não é uma pedagogia a mais, ao lado de outras pedagogias. Ela só tem sentido como projeto alternativo global onde a preocupação não está apenas na preservação da natureza (Ecologia Natural) ou no impacto das sociedades humanas sobre os ambientes naturais (Ecologia Social), mas num novo modelo de civilização sustentável do ponto de vista ecológico (Ecologia Integral) que implica uma mudança nas estruturas econômicas, sociais e culturais. Ela está ligada, portanto, a um *projeto utópico*: mudar as relações humanas, sociais e ambientais que temos hoje. Aqui está o sentido profundo da Ecopedagogia, ou de uma *Pedagogia da Terra*, como a chamamos." (in: *Pedagogia da Terra - ideias para um debate*", Moacir Gadotti, Portugal, 2000).⁸⁷

Usar a educação como função de instruir e disciplinar pode ser o portal para o desenvolvimento da conscientização ambiental, econômica e social, tanto da responsabilidade individual como da corporativa, e almeja-se que venha a ser prática geral. Mesmo em um manifesto ambiental da ONU sobre o meio ambiente, já se percebe a preocupação com as necessidades de sustentabilidade para além do meio ambiente:

⁸⁶ JOFRE, Hugo. *Definição de Eco educação*. Disponível em: <<http://hugojofre123.blogspot.com/2015/03/definicao-de-eco-educacao-conceito-de.html>>. Acesso em: 09 out. 2018.

⁸⁷ HANSEN, Karla. *O que é ecopedagogia*. Disponível em: <<http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/educacao/0118.html>>. Acesso em: 10 out. 2018.

“Chegamos a um ponto na História em que devemos moldar nossas ações em todo o mundo, com maior atenção para as consequências ambientais. Através da ignorância ou da indiferença podemos causar danos maciços e irreversíveis ao meio ambiente, do qual nossa vida e bem-estar dependem. Por outro lado, através do maior conhecimento e de ações mais sábias, podemos conquistar uma vida melhor para nós e para a posteridade, com um meio ambiente em sintonia com as necessidades e esperanças humanas...” “Defender e melhorar o meio ambiente para as atuais e futuras gerações se tornou uma meta fundamental para a humanidade”. Trechos da Declaração da Conferência da ONU sobre o Meio Ambiente (Estocolmo, 1972), parágrafo 6.⁸⁸

Para que se possa obter uma transformação de pensamento individual e coletivo sobre a necessidade de se preocupar com o meio ambiente e com a questão da sustentabilidade em todos os seus eixos, busca-se, no setor da educação, a responsabilidade social corporativa, conceito em voga atualmente, conforme demonstra Albuquerque:

Hoje, a Responsabilidade Social Corporativa (RSC) é uma expressão comumente usada, embora às vezes não bem compreendida. No intuito de dar certo sentido a RSC, teríamos duas perspectivas, segundo Jones (1997): a) **relacionada com as atitudes corporativas internas**, que se referem a forma como a corporação realiza as operações diárias de suas principais funções; b) **relacionada com as atitudes corporativas externas**, referentes a participação da corporação fora de seus interesses empresariais diretos.⁸⁹

Conforme colocado no capítulo anterior, infere-se, ao observar a atual educação conteudista aliada à globalização e ao capitalismo desenfreado, que, ao reverso do que se espera, esta tem deixado muito a desejar, no sentido de formar pessoas como seres humanos e não autômatos repetidores de ações postas como corretas. Entende-se, por exemplo, que a ecoeducação, a ética da sustentabilidade, reverência à vida e o cuidado, colocados como instrumentos formadores do educando e da educanda, poderão ser utilizados para criar valores sustentáveis ao longo do processo educacional de cada indivíduo, gerando um efeito reprodutivo na sociedade de conscientização sustentável.

Empresas educacionais e mesmo o Estado, envolvendo gestores e gestoras com preocupações sociais, ambientais e econômicas, aplicando o conceito de Elkington – os 3 Ps –, estão cada vez mais sendo o pedido da vez.

⁸⁸ Trechos da *Declaração da Conferência da ONU sobre o Meio Ambiente* (Estocolmo, 1972), parágrafo 6. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/acao/meio-ambiente/>. Acesso em: 10 out. 2018.

⁸⁹ ALBURQUERQUE, Jose de Lima. (Org.) *Gestão ambiental e responsabilidade social: conceitos, ferramentas e aplicações*. São Paulo: Atlas, 2009. p. 134.

Afinal, a humanidade chegou a um estágio da globalização econômica em que não há volta; há que se crescer cada vez mais e, conseqüentemente, produzir mais, entretanto, sem pensar ecologicamente, isso nos levará à destruição. Logo, uma educação que leve a conscientização sustentável nas três dimensões, econômica, humana e ambiental, pode ser o caminho que levará à eficácia do discurso sustentável.

Leff⁹⁰ mostra que o discurso sustentável já é uma realidade em que todos estão convidados e todas estão convidadas a participarem efetivamente:

O discurso oficial do desenvolvimento sustentável penetrou nas políticas ambientais e em suas estratégias de participação social. Dali convida diferentes grupos de cidadãos (empresários, acadêmicos, trabalhadores, indígenas, trabalhadores rurais) a somar esforços para construir um futuro comum.

Dentro do olhar de um mundo globalizado, a economia, como já dito, cresce sem parar, mas os insumos utilizados e retirados da natureza para fomentar esse crescimento são esgotáveis e, além disso, necessários à sobrevivência na terra. Se a sociedade, como um todo, urgentemente, não se conscientizar disso, muito em breve todos sentirão os efeitos da escassez. Pensamentos aparentemente simples como o de Gandhi, sendo ensinados e internalizados, poderão levar a humanidade à sua própria salvação:

A cada dia a natureza produz o suficiente para nossas necessidades. Se cada um tomasse o que lhe fosse necessário, não haveria pobreza no mundo e ninguém morreria de inanição. Mohandas Karamchand Gandhi.⁹¹

Diante desse cenário nada promissor para a humanidade, a ecopedagogia, inserida na educação, conforme já visto no capítulo anterior, numa interdisciplinaridade que confronte o educando e a educanda, o tempo todo, com a realidade que vive e a realidade que poderá viver no futuro, mostra-se como instrumento de educação sustentável. Gadotti já alerta sobre o pensar a educação do futuro:

É nesse contexto, nessa travessia de milênio, que devemos pensar a educação do futuro e podemos começar por nos interrogar sobre as categorias que podem explicá-la. As categorias “contradição”, “determinação”, “reprodução”, “mudança”, “trabalho” e “práxis”, aparecem

⁹⁰ LEFF, Enrique. *Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexibilidade, poder*. Tradução de Lucia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis/RJ: Vozes, 2012. p. 28.

⁹¹ OLIVEIRA, Flavio. *Ecoeficiência: A Gestão do Valor Ambiental* (Locais do Kindle 348-350). EPSE Editora. Edição do Kindle.

freqüentemente na literatura pedagógica contemporânea, sinalizando já uma perspectiva da educação, a perspectiva da pedagogia da práxis. Essas são categorias consideradas clássicas na explicação do fenômeno da educação. Elas se constituem um importante referencial para a nossa prática. Não podem ser negadas, pois ainda nos ajudarão, de um lado, para a leitura do mundo da educação atual e, de outro, para a compreensão dos caminhos da educação do futuro.⁹²

E como a ecopedagogia também envolve a economia, além de gerar sustentabilidade ambiental e humana, é também excelente instrumento de gestão com responsabilidade e de sucesso, conforme veremos a frente.

4.1 Ecopedagogia como forma de gestão eficiente

Ao trazer à baila a questão da gestão da educação, pode-se verificar que há duas dimensões a serem analisadas: a gestão educacional e a gestão escolar. Em ambas existe a averiguação do quanto podem ser eficientes ou não.

A dimensão da gestão educacional é bem mais ampla, por envolver a questão macro da educação, setor este em que se encaixa o Estado como gestor. Embora o grande Leviatã Hobesiano possa passar a imagem de um gestor que não precisa prestar contas aos seus súditos, ainda assim, esse gestor, em um Estado Democrático de Direito, precisa administrar da melhor forma o bem comum (entendendo o setor da educação pública como um dos bens comuns). Justifica-se a necessidade de eficiência também na gestão pública, apurando a sua potencialidade a partir das políticas educacionais aplicadas pelo Estado, Wolffenbüttel a define apresentando o conceito de Vieira:

Refere-se a um amplo espectro de iniciativas desenvolvidas pela União, Estados, Distrito Federal e Municípios, seja em termos de responsabilidades compartilhadas na oferta de ensino ou de outras ações que desenvolvem no âmbito específico de atuação (Vieira, 2006, p. 35).⁹³

Esse mesmo autor ainda demonstra que a prática dessa gestão se apresenta de acordo com a própria Constituição Federal e com leis infraconstitucionais, como a Lei de Diretrizes e Bases – LDB da educação nacional,

⁹² GADOTTI, Moacir. *Pedagogia da terra: Ecopedagogia e educação sustentável*. Disponível em: <<http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/gt/20101010031842/4gadotti.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2018

⁹³ WOLFFENBÜTTEL, Cristina Rolim. Gestão da educação, currículo e interdisciplinaridade: perspectivas para a potencialização da Educação Básica. In: HOPPE, M. M. W.; WOLFFENBÜTTEL, C. R. (Orgs.). *Educação e interdisciplinaridade: perspectivas para a formação de professores*. São Leopoldo, RS: Oikos, 2014. p. 80.

o que corrobora a possibilidade de o gestor público voltado para a sustentabilidade poder criar programas de governo, em seu plano de educação, capazes de implantar a ecopedagogia como regra no setor de educação e, assim, buscar a eficiência ao atingir o bem-estar social da população à qual destina tais programas. Wolffenbüttel cita Saviani:

Segundo Saviani (1999), sistema de ensino significa “uma ordenação articulada dos vários elementos necessários à consecução dos objetos educacionais preconizados para a população à qual se destina” (p.120). Para o autor, os sistemas de ensino pressupõem um plano. Nesse sentido, Saviani (1999) enfatiza a estreita relação existente entre sistema de ensino e plano de educação (p.120), a fim de que os objetivos da educação nacional possam se estabelecer de forma orgânica.⁹⁴

Ademais, a evolução do tema sustentabilidade, no Brasil, pode ser também demonstrada pela criação de leis ambientais, e educação ambiental aplicada ao sistema de ensino. Segundo Barbieri “a política pública ambiental deve contemplar a educação ambiental”.⁹⁵

Embora ambas as dimensões se completem e se comuniquem no que tange à gestão escolar, esta, na dimensão micro, está relacionada totalmente ao próprio Projeto Político Pedagógico – PPP da escola; logo, não seria demais considerar a gestão que introduz a ecopedagogia uma gestão escolar eficiente, pois todo gestor e toda gestora preocupa-se em obter o melhor desempenho não só econômico, mas também de reconhecimento social e prático. A imagem de uma empresa e do próprio gestor ou da própria gestora pode se beneficiar da adoção de medidas consideradas sustentáveis, incluindo a gestão de escola pública, afinal, como mencionado no primeiro capítulo, o ecoempreendedorismo gera lucro, e aqui lucro também significa menos gastos, o que naturalmente pode ser traduzido em eficiência na gestão. Reinaldo Dias chega a falar sobre a ecoeficiência no âmbito empresarial como cultura empresarial que deve ocorrer como um processo gradativo:

Cultura empresarial: desde o mais alto nível gerencial, deve-se adotar a visão da ecoeficiência nos negócios para convertê-la em ação, o que implica envolver de forma co-responsável os funcionários de todos os níveis

⁹⁴ WOLFFENBÜTTEL, 2014, p. 81.

⁹⁵ BARBIERI, Jose Carlos. *Gestão Ambiental Empresarial: Conceitos, modelos e instrumentos*. 2. ed. atual. e revisada. São Paulo. Saraiva, 2007. p. 88.

em cada organização, os quais, por sua vez, devem dar conhecimento deste conceito aos fornecedores e clientes.⁹⁶

Veja que Dias fala sobre a transmissão do valor sustentável não só aos funcionários e às funcionárias, mas sendo transmitido da empresa aos fornecedores, fornecedoras e clientes. Imaginando a clientela como sendo os alunos e as alunas desse setor empresarial, eficiência será a transmissão desse valor por intermédio de práticas na gestão escolar, além de transmissão do conceito como algo a se tornar parte da identidade dos educandos e das educandas, que serão agentes de transmissão para gerações vindouras.

Como visto, essa eficiência é alcançada também ao gerar uma imagem de empresa preocupada com a comunidade ao seu redor, geradora de benefícios ecológicos e econômicos. Matéria disponível no *site* do Sebrae demonstra o quanto o empresário e a empresária podem se beneficiar dessa imagem ao fortalecer a marca:

Engana-se quem acha que adotar medidas mais ecológicas é apenas uma maneira de proteger o meio ambiente, objetivando unicamente a qualidade de vida de gerações futuras. É claro, esses motivos devem ser uma grande motivação, mas, além disso, a sustentabilidade visa à redução de custos de produção e do valor final dos produtos e, principalmente, ao fortalecimento da marca.⁹⁷

Muitos são os autores e as autoras que se debruçaram sobre a questão da gestão empresarial sem esquecer a sustentabilidade. Flavio Oliveira, ao analisar o tema, faz distinção entre conservação e preservação, da seguinte forma:

Conservacionismo:

Assim, é possível entender o conservacionismo se tivermos como principais beneficiários da conservação do meio ambiente as gerações que virão depois de nós. Trata-se de conservar hoje para que não falte amanhã. Algo muito simples e intuitivo, mas que normalmente negligenciamos por termos uma forte tendência de tomarmos nossas atitudes baseados nos efeitos de curto (frequentemente curtíssimo) prazo.⁹⁸ (grifo nosso)

Preservacionismo:

Como forma de evitar a tentação do imediatismo, algumas correntes de pensamento adotam a simples regra de manter a natureza como está hoje,

⁹⁶ DIAS, 2011, p. 151.

⁹⁷ SEBRAE. *Práticas sustentáveis viram vantagens para empresas e meio ambiente*. Disponível em: <<http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/praticas-sustentaveis-viram-vantagens-para-empresas-e-meioambiente,5adaa7deccc0c510VgnVCM1000004c00210aRCRD>>. Acesso em: 12 out. 2018.

⁹⁸ OLIVEIRA, Locais do Kindle 506-509.

ou como era há alguns anos. Nesta categoria de pensadores e ativistas enquadrámos os preservacionistas, pessoas cujos esforços residem na tentativa de preservar os recursos naturais da mesma forma em que estariam se não houvesse homens sobre o planeta.⁹⁹ (grifo nosso)

Como visto, nesse entendimento, o gestor e a gestora ecoeficientes serão aquele e aquela que mais bem aplicarem os dois conceitos, assim, o mesmo autor supracitado coaduna o novo pensamento sobre gestão ecoeficiente como aquele que tem uma abordagem criativa para obter soluções, que tanto conserve como preserve.

A Ecoeficiência é uma das abordagens mais modernas para a canalização destes esforços, pois organiza o pensamento dos gestores dos processos virtualmente poluidores ou consumistas, potencializando a sua capacidade investigativa e criativa para a obtenção de soluções alternativas para as práticas atualmente adotadas, tendo como premissa a redução dos impactos ambientais e a diminuição dos gastos gerados por eles.¹⁰⁰

Portanto, pode-se definir ecoeficiência como o conceito desenvolvido pelo Conselho Empresarial Mundial para o Desenvolvimento Sustentável, em inglês, *World Business Council for Sustainable Development* – WBCSD, que demonstra que os princípios acima postos se coadunam com o que nos traz qualidade de vida, ou seja, por intermédio de uma ecopedagogia que alcance o maior número possível de pessoas na comunidade onde a escola esteja inserida, como exaustivamente tem-se demonstrado ao longo deste trabalho. À medida que a sustentabilidade, em todas as suas dimensões, deixe de ser um conceito para ser uma prática, o resultado será, inevitavelmente, o alcance dessa qualidade de vida esperada. Segundo Dias, a ecoeficiência é atingida

através da oferta de bens e serviços a preços competitivos, que, por um lado, satisfaçam as necessidades humanas e contribuam para a qualidade de vida e, por outro, reduzam progressivamente o impacto ecológico e a intensidade de utilização de recursos ao longo do ciclo de vida, até atingirem um nível, que, pelo menos respeite a capacidade de sustentação estimada para o planeta Terra.¹⁰¹ (grifo nosso)

O objetivo da ecopedagogia será que a transmissão do conceito de sustentabilidade extrapole o espaço escolar, que a ecopedagogia seja uma pedagogia que realmente faça valer a etimologia da palavra e “conduza” o educando e a educanda, norteando sua vida, a partir da internalização dos ensinamentos dados, levando à conscientização de todos e todas ao seu redor, entendendo ser a escola

⁹⁹ OLIVEIRA, Locais do Kindle 510-513.

¹⁰⁰ OLIVEIRA, Locais do Kindle 522-526.

¹⁰¹ DIAS, 2011, p. 149.

uma instituição com poder de reproduzir saberes, assim como Bourdieu e Passeron entendem ser agente capaz de perpetuar princípios:

[...] como trabalho de inculcação que deve durar o bastante para produzir uma formação durável; isto é, um *habitus* como produto da interiorização dos princípios de um arbitrário cultural capaz de perpetuar-se após a cessação da AP e por isso de perpetuar nas práticas os princípios do arbitrário interiorizado. (BOURDIEU & PASSERON, 1992, p. 43-44)¹⁰²

4.2 Relação Escola e Família no processo de conscientização

É preciso repensar a escola. É preciso que ela deixe de ser mera repetidora de conhecimentos. A escola que educou pais e mães insiste em transmitir o mesmo conhecimento, da mesma forma, aos filhos e às filhas. Urge gerar estímulo para um novo saber, tratar a formação do educando e da educanda como a formação da sociedade que se almeja para o futuro.

Dessa forma, a ensinagem precisa ser posta como algo modificador de pensamento não só do e da discente, mas da sociedade. É preciso iniciar um processo inverso – apesar de o mais comum ser a família ensinar princípios que o e a discente levam para a escola, na questão da sustentabilidade não se visualiza esse princípio sendo passado a partir do “berço”, então, cabe a escola, partindo de uma ensinagem para esse fim, fazer uma comunicação da aprendizagem do e da discente, levando-a ao seio familiar, até que o pensar ecologicamente seja uma prática. Assim se percebe que, se a escola, em seu PPP, se preocupa em tornar o espaço escolar democrático e expansivo, ela deixará simplesmente de passar conteúdo e será capaz de gerar uma conexão entre conteúdo e vivência. Para Campos, a escola é precisamente esse espaço, vejamos:

A escola como *locus* de formação humana é espaço de diálogo, de trocas, de vida. Portanto, é uma instituição diferente e que deve ser reorientada a fim de que se permita a vivência coletiva entre gestores, professores, funcionários, alunos, e a família, para que se fortaleça a interação entre os grupos e se faça uma organização autêntica, respeitando as singularidades na pluralidade dos sujeitos. O gestor cumprirá a função de administrar a comunicação entre os sujeitos que compõem a escola, mediando o poder e as relações em busca de definir consensos, desvelando as tramas,

¹⁰² GREJANIN, Paula Cristina. *Tempos pós-modernos e a reinvenção da escola: contextualizando saberes, ressignificando práticas*. Salvador, 2009. 51f. TCC-(Graduação) Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação. Colegiado de Pedagogia. Campus I. 2009.

encerrando os conflitos e, assim, afirmando a transparência e a democracia.¹⁰³ (grifo nosso)

Além do mais, como já visto acima, a nova geração, que busca uma educação significativa, naturalmente passou a ser protagonista de seu conhecimento. E mais, observa-se que quem ensina hoje à geração mais velha é a mais nova, seja pelo domínio dos meios eletrônicos, seja pela própria educação familiar, em que se coloca o filho ou a filha como o centro das atenções. Portanto, é perfeitamente viável usar essa inversão na criação dessa nova geração para levar o conhecimento da escola para a casa. E utilizando-se dessa interação na construção da consciência sustentável, pode-se dizer que o construtor do conhecimento será feito de dentro para fora da escola.

O grande desafio da educação ou da escola, então, será passar de uma escola ditadora de conceitos prontos para uma escola que privilegia a comunicação com a família e que repassa ensinamentos aos seus educandos e suas educandas de maneira que sejam internalizados em sua vivência diária e familiar, comungando de tal forma com a vida em família, que seja capaz de modificar o núcleo familiar e esse a sua comunidade.

4.3 Relação Família e Comunidade no processo de conscientização

Influenciar a família, o primeiro núcleo de contato do educando e da educanda, parece mais fácil que alcançar a transformação de toda a comunidade. Mudar o pensamento e o agir de uma sociedade, naturalmente, é algo a ser feito em longo prazo, e parece óbvio que isso precisa ser iniciado na instituição basilar de toda sociedade: a família, pois costumes e culturas nascem nesse pequeno núcleo social, para daí se expandirem para a comunidade local, e assim por diante. Num agregar de hábitos sucessivos, ao longo dos anos, pode ser o hábito naturalmente praticado por toda aquela sociedade local.

Ao estudar antropologia, nos deparamos com DaMatta, que, em seu livro “O que faz o Brasil, Brasil?”, numa observação sobre a interação da casa com a rua e o trabalho, mostra a influência de um espaço no outro, características formadoras da identidade de nosso povo resultante dessa interação, vejamos:

¹⁰³ CAMPOS, 2010, p. 73.

A casa e a rua interagem e se complementam num ciclo que é cumprido diariamente por homens e mulheres, velhos e crianças. Pelos que ganham razoavelmente e até mesmo pelos que ganham muito bem.¹⁰⁴

Aqui, deseja-se usar essa interação como base de pensamento para defender a possibilidade de a família, uma vez influenciada pelo aluno, submetido ou pela aluna submetida à ecopedagogia – pedagogia esta que fez com que ele e ela apreendessem, a partir da escola, o conceito de sustentabilidade –, também possa ser instrumento de conscientização na comunidade em que está inserida.

Para DaMatta, embora haja uma divisão clara entre esses espaços sociais, (casa, rua e trabalho), ao final, o convívio em ambos é o que nos torna o que somos, formam de fato a nossa identidade social:

Assim, são como nós e nos ajudam a estabelecer nossa mais profunda identidade social, como membros indiferenciados de um mundo anônimo e asfaltado onde ninguém conhece ninguém – esse mundo tenebroso da selva de pedra; e como membros diferenciados que residem numa dada parte da cidade e que podem transformar esse local onde moram em algo único, especial, singular e “legal”.¹⁰⁵

Veja que tornar esse espaço da rua algo singular e “legal” refere-se exatamente à possibilidade de interação no processo de divulgar conhecimento e criar cultura; e, para cultura, leia-se hábito adquirido pelo educando e pela educanda na escola e repassado ao núcleo familiar, que agora pode ser aplicado no contexto da rua, da comunidade local, assim modificando toda a sociedade.

É importante entendermos a relação que as pessoas têm com o ambiente que as rodeia. Esta relação inclui todas as atividades decorrentes da necessidade que cada ser humano possui de viver e evoluir, abrangendo desta forma seu comportamento em casa, nas ruas, nos momentos de diversão e no seu trabalho. Desta forma, a manutenção das condições adequadas naturais necessárias para a sobrevivência do planeta e seus ecossistemas ativos e vindouros é direta e proporcionalmente relacionada ao tipo de comportamento adotado pelo homem. Um comportamento regrado no respeito permitirá a relação simbiótica duradoura e saudável para ambas as partes, ao passo que o comportamento predatório e agressivo leva incondicionalmente à falência de um dos sistemas e, conseqüentemente, dos demais.¹⁰⁶ (grifo nosso)

Criar cultura em uma comunidade inteira, por intermédio do ensino passado na escola, parece algo utópico diante da realidade de desamor que se visualiza através das notícias diárias. Mas, embora se possa imaginar que a sociedade atual

¹⁰⁴ DaMatta, Roberto. *O que faz o Brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 1986. p. 15.

¹⁰⁵ DaMatta, 1986, p. 18.

¹⁰⁶ OLIVEIRA, Locais do Kindle 351-359.

viva um momento de descrença no ser humano – o que pode gerar um desânimo ao pensar na possibilidade de ainda se produzirem novos valores, por meio da educação, que sejam passados do aluno e da aluna para a casa e da casa para a comunidade –, ainda é possível crer na mudança.

Interessante aqui lembrar uma citação de Gadotti, completada por ele com uma frase de Rubens Alves, em uma carta enviada a alguns amigos no final de 2001, que demonstra ainda haver esperança:

Creio que existe ainda na comunidade humana uma imensa reserva de altruísmo e de solidariedade, um que o educador precisa conhecer e potencializar para romper as barreiras do represamento. Educar é empoderar. Não é tanto ensinar quanto reencantar. Ou melhor, ensinar, nesse contexto, é reencantar, despertar a capacidade de sonhar, despertar a crença de que é possível mudar o mundo. Essa profissão por isso é insubstituível. Não podemos imaginar um futuro sem professores. Nisso acredito nas palavras de Rubens Alves: “Ensinar é um exercício de imortalidade. De alguma forma continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra. O professor, assim não morre jamais...”¹⁰⁷

Portanto, a despeito de a descrença ser um obstáculo a ser superado no processo de conscientização por meio da educação, se cada gestor e gestora escolar, cada educador e educadora internalizarem o sentimento de que a sustentabilidade almejada pode ser alcançada, partindo do ensino ecopedagógico, ou, mais ainda, se apenas um ainda crer na humanidade, isso poderá ser mudado. Existe uma parábola em que o autor conta sobre a diferença que apenas um pode fazer ao influenciar os demais:

Estrelas do Mar

Era uma vez um escritor que morava em uma tranquila praia, junto de uma colônia de pescadores. Todas as manhãs ele caminhava à beira do mar para se inspirar, e à tarde ficava em casa escrevendo. Certo dia, caminhando na praia, ele viu um vulto que parecia dançar. Ao chegar perto, ele reparou que se tratava de um jovem que recolhia estrelas-do-mar da areia para, uma por uma, jogá-las novamente de volta ao oceano.

“Por que está fazendo isso?” - perguntou o escritor.

“Você não vê!” - explicou o jovem - A maré está baixa e o sol está brilhando. Elas irão secar e morrer se ficarem aqui na areia.

O escritor espantou-se.

“Meu jovem, existem milhares de quilômetros de praias por este mundo afora, e centenas de milhares de estrelas-do-mar espalhadas pela praia. Que diferença faz? Você joga umas poucas de volta ao oceano. A maioria vai perecer de qualquer forma”.

¹⁰⁷ GADOTTI, Moacir, p. 74.

O jovem pegou mais uma estrela na praia, jogou de volta ao oceano e olhou para o escritor.

“Para essa aqui eu fiz a diferença”.

Naquela noite o escritor não conseguiu escrever, sequer dormir. Pela manhã, voltou à praia, procurou o jovem, uniu-se a ele e juntos, começaram a jogar estrelas-do-mar de volta ao oceano.

Sejamos, portanto, mais um dos que querem fazer o mundo um lugar melhor.

Sejamos a diferença.¹⁰⁸

Apesar de a ecopedagogia ser um tanto utópica, até a dúvida é favorável ao seu sucesso, pois gestores e gestoras, professores e professoras, com senso reflexivo e crítico, podem levar a uma prática de excelência. Descartes, já no século XVI, criava o método cartesiano como algo que levaria a felicidade, afinal, pelo pensar, se chega às conclusões do que é bom ou ruim, ou o que é certo ou errado. Machado deixa isso claro ao demonstrar em que consiste o método cartesiano de pensar:

O método cartesiano, como vem sendo conhecido por entre os séculos, consiste em se duvidar de tudo, porém de forma metódica e significava felicidade e os extremos eram prontamente aniquilados. Na dúvida é que se acha a verdade tudo que pode ser duvidado é verdadeiro. Assim o *Cogito, Ergo Sum* que, em latim, significa Penso, logo existo.¹⁰⁹

Como visto, o importante é dar o primeiro passo rumo à conscientização sem desaminar, e a ecopedagogia pode ser esse primeiro passo. Claro que somente a vivência experimental poderá, com o tempo, dizer se a ecopedagogia será eficaz ou não, no processo de gerar a conscientização de toda a sociedade sobre a importância da sustentabilidade, contudo, é muito provável que, ao menos para alguns, trará mudança comportamental sustentável.

Os educadores e as educadoras, com a aplicação desse novo modelo pedagógico, estariam sendo chamados e chamadas a intervirem, ainda que minimamente, no modo de vivência de cada educando e educanda no que tange a atitudes comportamentais diárias quanto ao meio em que estão inseridos e inseridas. E, quanto a essa intervenção no desenvolvimento humano trazendo modificações ao interlocutor, há estudos que demonstram a sua eficácia ao

¹⁰⁸ Autor desconhecido. *Estrela do mar*. Disponível em: <<https://www.pensador.com/frase/NDU5NTk4/>>. Acesso em: 12 out. 2018.

¹⁰⁹ MACHADO, Claudia Cristina Lopes. *Educação Transdisciplinar, ecoformação e ecopedagogia: Um reencontro entre sociedade e natureza*. Seminário de Sustentabilidade. Anais do 6º Seminário sobre sustentabilidade: artigos selecionados. Lafaiete Santos Neves (org.) 1 ed. Curitiba. 2013. p. 42.

instrumentalizar a formação humana, como Jerome S. Bruner, psicólogo doutor pela Harvard University, acentua:

Bruner apelida a sua teoria de instrumentalismo evolucionista, uma vez que, para o psicólogo e pedagogo norte-americano, o homem depende das técnicas para a realização da sua própria humanidade. Embora, à semelhança de Jean Piaget, coloque a maturação e a interacção do sujeito com o ambiente no centro do processo de desenvolvimento e de formação da pessoa, Bruner acentua o carácter contextual dos factos psicológicos. A abertura à influência do contexto e do social no processo de desenvolvimento e de formação torna a teoria de Jerome Bruner mais abrangente do que a teoria de Jean Piaget e fazem com que aquele consiga incorporar a transmissão social, o processo de identificação e a imitação no processo de desenvolvimento e formação. O carácter desenvolvimentista da teoria de Bruner mantém-se graças à tónica que ele coloca no papel da equilíbrio, ou seja, a capacidade que cada pessoa tem de se auto-regular.¹¹⁰

Para além da intervenção direita do educador e da educadora, percebe-se que a própria postura do gestor ou da gestora educacional, voltada para sustentabilidade na prática diária da escola, na sua administração, com a implantação de medidas que demonstrem a eficácia dessas atitudes, corrobora o empoderamento do professor e da professora na formação pessoal do aluno e da aluna. Isso é o que possibilita acreditar na mudança comportamental, de fato, do e da discente, da família e da sociedade, a partir do investimento na gestão e formação do professor e da professora com viés na ecopedagogia.

Para tanto, é importante a gestão educacional também se preocupar com a relação aluno/professor, aluna/professora no processo de construção e transmissão do valor sustentável, afinal, o primeiro contato do aluno e da aluna sobre o tema inserido na educação será com o professor e com a professora, e estes têm um importante papel na vida do aluno e da aluna. Talvez, a falta de se dar a devida relevância a esse papel seja um dos fatores que impedem a apropriação do tema pelo aluno e pela aluna. Lopes fala sobre isso:

A relação professor-aluno tem sido uma das principais preocupações do contexto escolar. Nas práticas educativas, o que se observa é que, por não se dar a devida atenção à temática em questão, muitas ações desenvolvidas no ambiente escolar acabam por fracassar. Daí a importância de estabelecer uma reflexão aprofundada sobre esse assunto,

¹¹⁰ MARQUES, Ramiro. *A pedagogia de Jerome Bruner*. Disponível em: <http://www.eses.pt/usi/ramiro/docs/etica_pedagogia/A%20Pedagogia%20de%20JeromeBruner.pdf>. Acesso em: 01 fev. 2017.

considerando a relevância de todos os aspectos que caracterizam a escola.¹¹¹

Por esse motivo, a prática educativa, tanto do Estado como dos empreendedores e das empreendedoras do setor privado, ao que parece, deve adotar estratégias internas, na administração, no intuito de implantar a ecopedagogia e, com essa nova pedagógica, instrumentalizar um novo comportamento social, ou seja, alcançar, como consequência, uma mudança na prática cotidiana de seus educandos e suas educandas, prática essa a ser levada para o âmbito familiar e, por conseguinte, vir a ser praticada na comunidade local. Ainda que, como já dito, pareça apenas um sonho, vale a pena correr o risco de mudar todo o sistema educacional, adotando a prática da ecopedagogia em todos os âmbitos educacionais.

Isso para que a educação não seja frustrada em sua missão de ensinar valores mais do que ensinar conceitos, ensinar a planetaridade. Para Pablo Gentili, a educação já sofre uma frustração ao não ser capaz de, em suas palavras, “redimir o mundo das causas que tanto nos afligem”:

a educação e os educadores fracassaram em sua responsabilidade de redimir o mundo das causas que tanto nos afligem: o desemprego, os maus governantes, a pobreza, a corrupção, a desunião familiar, o consumo de drogas, a apatia dos jovens, a compulsão televisiva dos meninos e meninas, a anomia e a parcimônia sociais diante das consequências negativas do crescimento do planeta.¹¹²

A simples possibilidade de obter-se uma mudança real no comportamento social, quanto ao tema sustentabilidade em todas as suas dimensões, já é um fator de empolgação e, mais que isso, relevante para se aplicar cientificamente, partindo da convicção de que a educação é poderosa o suficiente para mudar todo o contexto social de uma comunidade; será, pois uma questão de atitude governamental e empresarial.

¹¹¹ LOPES, Rita de Cassia Soares. *A relação professor aluno e o processo ensino aprendizagem*. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1534-8.pdf>>. Acesso em: 14 out. 2018.

¹¹² GENTILI, Pablo. *Desencanto e utopia: a educação no labirinto dos novos tempos*. Petrópolis. Vozes, 2008. p. 12.

5 CONCLUSÃO

Conforme posto a partir da introdução, buscou-se, com esta pesquisa, ainda que de maneira não exaustiva, apresentar a possibilidade de, num mundo em que o capitalismo selvagem vigora e a globalização torna a humanidade cada vez mais individualista, a partir da educação com base na sustentabilidade, especificamente a ecopedagogia, gerar uma conscientização tal que ultrapasse os portões da escola.

Segundo colocado, os desafios são enormes, até mesmo a descrença no próprio ser humano pode ser obstáculo à aplicabilidade de uma nova pedagogia. Com fito a obter uma conscientização planetária, a despeito das dificuldades, urge que a humanidade se preocupe e tome atitudes relativas à sustentabilidade em cada dimensão. O empoderamento dos educadores e das educadoras por intermédio de uma interdisciplinaridade que comunique valores sustentáveis mostra-se viável e possível. A possibilidade de os educandos e as educandas internalizarem esses valores e os transmitirem a família, e esta, por sua vez, transmitir à comunidade local, também, historicamente, se mostra possível.

Assim, é possível analisar que a verdadeira conscientização humana pode partir de uma ética sustentável que oriente o comportamento de uma sociedade no que tange a adquirir valores humanos de interdependência do meio e do próximo, e não apenas resumir-se a debates acadêmicos.

A educação pode ser instrumento de construção cognitiva e comportamental sobre a sustentabilidade como valor a ser praticado por cada um. Pode ser atingida ao se utilizar de valores já internalizados como valores espirituais e éticos. A conjugação de uma gestão educacional preocupada com a sustentabilidade comungando com uma interdisciplinaridade voltada para o tema e a comunicação escola, família e sociedade são possíveis mecanismos conscientizadores, com poder de efetiva mudança comportamental.

Portanto, uma ecopedagogia baseada na interdisciplinaridade com fulcro em princípios éticos, espirituais, econômicos, humanos e ambientais parece ser um excelente caminho para se iniciar a busca da conscientização de sustentabilidade planetária. Embora possa não ser fácil de fazer, não é impossível.

REFERÊNCIAS

ALBURQUERQUE, José de Lima. (Org.). *Gestão ambiental e responsabilidade social: conceitos, ferramentas e aplicações*. São Paulo: Atlas, 2009.

ALVES, Rubens. *A escola ideal – o papel do professor*. Vídeo disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=qjyNv42g2XU>>. 4:35 min. a 5:01 min. Acesso em: 15 set. 2018.

AURÉLIO, Dicionário. Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com/cuidado>>. Acesso em: 10 jul. 2018.

BALBINO, Michele Lucas Cardoso; OLIVEIRA, Laene Leticia Vieira de. A interdisciplinaridade na educação ambiental e sua aplicação no ensino superior. In: *Âmbito Jurídico*, Rio Grande, XVII, n. 123, abr. 2014. Disponível em: <http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php/thumb.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=14062>. Acesso em: 3 out. 2018.

BARBIERI, Jose Carlos. *Gestão Ambiental Empresarial: conceitos, modelos e instrumentos*. 2. ed. atual. e revisada. São Paulo: Saraiva, 2007.

BERNARDO, Johnny. *Protestantismo e Sustentabilidade*. Disponível em: <<http://brasilreligioso.blogspot.com/2014/06/protestantismo-e-sustentabilidade.html>>. Acesso em: 28 jul. 2018

BÍBLIA, Almeida corrigida Fiel. *Livro Lucas 10.25*.

BRASIL-CEB/CNE. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional-LDB nº 9394/96. in: BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio*. Brasília: Ministério da Educação, 1999.

BOFF, Leonardo. *Sustentabilidade: o que é – o que não é*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/estruturas/agenda21/_arquivos/carta_terra.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2017.

_____. *A busca de um ethos planetário*. Cadernos IHU-Ideias, nº 169, ano 10, 2012. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/ideias/169cadernosihuideias.pdf>>. Acesso em: 08 jul. 2018.

_____. *Saber cuidar: ética do humano-compaixão pela terra*. 18 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

CAMPOS, Casemiro de Abreu. *Gestão Escolar e Docência*. São Paulo: Paulinas, 2010. (Coleção pedagogia e educação).

COSTA, Tacilla da; SANTOS, Sá Siqueira. Organizações da sociedade civil e as construções teóricas acerca da sustentabilidade. *Revista do Centro Interdisciplinar de Desenvolvimento e Gestão Social - CliAGS*, v. 2, n. 1, 2009.

COTRIM, Suzana Lee; GOUVEIA, Patrícia; LIMA, Gilson Brito Alves. *Análise do modelo Triple Bottom Line: conceito, histórico e estudo de casos*. III CNEG – Niterói, RJ, Brasil, 17, 18 e 19 de agosto de 2006. Disponível em: <<http://www.inovarse.org/filebrowser/download/9852>>. Acesso em: 27 jun. 2018.

DAMATTA, Roberto. *O que faz o brasil, Brasil?*. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

DIAS, Reinaldo. *Gestão Ambiental: responsabilidade social e sustentabilidade*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

DURKHEIM, Émili. *Da divisão do trabalho social*. Tradução Eduardo Brandão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ELIZIÁRIO, Magda. *Ecopedagogia por uma educação com sustentabilidade*. Disponível em: <<http://megui20092009.blogspot.com.br/2011/07/ecopedagogia-por-uma-educacao-com.html>>. Acesso em: 13 out. 2017.

ENRIQUEZ, Eugene. Os desafios éticos nas organizações modernas. *RAE - Revista de Administração de Empresas*. São Paulo, abr./jun. 1997.

FARIA, Ernesto. *Dicionário Latino-Português*. Garnier, 1993.

FERNANDES, Francisco; LUFT, Celso Pedro; GUIMARÃES, F. Marques. *Dicionário Brasileiro Globo*. 56. ed. São Paulo: Globo, 1996.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *O Novo Dicionário Aurélio*. Positiva Editora, 2009.

FILHO, Ednilo Baltazar Barreira. Sustentabilidade Ambiental: discutindo o lugar. Mercator. *Revista de Geografia da UFC*, ano 03, número 06, 2004.

FRANCISCO Papa. *LS 13ª encíclica Laudato Si [Louvado seja]* - Sobre o cuidado da casa comum. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html>. Acesso em: 28 jul. 2018.

GADOTTI, Moacir. *Boniteza de um sonho: ensinar-e-aprender com sentido*. Novo Hamburgo: Feevale, 2003.

_____. *Pedagogia da terra: Ecopedagogia e educação sustentável*. Disponível em: <<http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/gt/20101010031842/4gadotti.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2018.

GENTILI, Pablo. *Desencanto e utopia: a educação no labirinto dos novos tempos*. Petrópolis: Vozes, 2008.

GREJIANIN, Paula Cristina. *Tempos pós-modernos e a reinvenção da escola: contextualizando saberes, ressignificando práticas*. Salvador, 2009. 51f. TCC (Graduação) Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação. Colegiado de Pedagogia. Campus I. 2009.

GRIESSE, Margaret Ann. *Ética Empresarial e Responsabilidade Social Corporativa à Luz da Teoria de Julgamento Moral, de Lawrence Kohlberg*. Impulso, Piracicaba, 14(35): 33-48, 2003.

HANSEN, Karla. *O que é ecopedagogia*. Disponível em: <<http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/educacao/0118.html>> Acesso em: 10 out. 2018.

HERNANDEZ, Aline Reis Calvo; HERNANDEZ, Ivane Reis Calvo. *Revista do Professor*, Porto Alegre, 15 (57) 22-24 jna./mar. 1999.

JOFRE, Hugo. *Definição de Eco educação*. Disponível em: <<http://hugojoFRE123.blogspot.com/2015/03/definicao-de-eco-educacao-conceito-de.html>>. Acesso em: 09 out. 2018.

JORNAL NACIONAL. *Evento Educação 360º*. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2018/09/24/no-rio-especialistas-debatem-futuro-da-educacao-no-evento-educacao-360.ghtml>>. Acesso em: 25 set. 2018.

KHAN, SALMAN. *Um mundo uma escola: a educação reinventada*. Rio de Janeiro: Intrínseca Ltda. Edição digital, 2013.

KUENZER, Acacia. *Ensino Médio e Profissional: as políticas do Estado neoliberal*. 2. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2000.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos de Metodologia Científica*. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LEFF, Enrique. *Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexibilidade, poder*. Tradução de Lucia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

LEMOS, Haroldo Mattos de. *Responsabilidade Socioambiental*. Rio de Janeiro, RJ: FGV, 2013.

LIMA, Ana Marina Martins de. *Ambiente do meio*. Disponível em: <<https://ambientedomeio.com/2011/10/04/os-tres-pilares-da-sustentabilidade/>>. Acesso em: 26 jul. 2018.

LIRA, Átila. 1997. In: CARNEIRO, Moacir Alves. *LDB fácil: leitura crítico-compreensiva artigo a artigo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

LOPES, Rita de Cassia Soares. *A relação professor aluno e o processo ensino aprendizagem*. Disponível em:

<<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1534-8.pdf>>. Acesso em: 14 out. 2018.

MACHADO, Claudia Cristina Lopes. *Discursos e práticas dos atores sociais envolvidos na problemática dos materiais recicláveis em fazenda Rio Grande/PR: uma via para revelar os conflitos socioambientais relacionados com os resíduos sólidos urbanos do município*. Tese (Doutorado) apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento - MADE- UFPR. 2014. p. 35. Disponível em: <<http://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/36877>>. Acesso em: 23 fev. 2017.

MANE, Djiby. O Islã e o meio ambiente: uma abordagem ecolinguística. *Revista Alpha*, n. 15, nov. 2014, p. 09. Disponível em: <<http://alpha.unipam.edu.br/documents/18125/558424/O++Isl%C3%A3%20e+o+meio+ambiente>>. Acesso em: 08 jul. 2018.

MARQUES, Ramiro. *A pedagogia de Jerome Bruner*. Disponível em: <http://www.eses.pt/usr/ramiro/docs/etica_pedagogia/A%20Pedagogia%20de%20JeromeBruner.pdf>. Acesso em: 1º fev. 2017.

MATURANA, Humberto; REZEPKA, Sima Nisis de. *Formação e capacitação*. Tradução de Clasen, Jaime A. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000.

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. *A Árvore do Conhecimento*. As bases biológicas do conhecimento humano. WORKSHOP. Campinas-SP, 1995, p.13 e 14.

MILLER, G. Tyler; SPOOLMAN, Scott E. *Ecologia e sustentabilidade*. Tradução Ez2 Translate; revisão técnica: Mareio Silva Araujo, David Lapola e Eduinetty P. M. de Sousa. São Paulo: Cengage Learning, 2012.

MURAD, Afonso. *Gestão e Espiritualidade: uma porta entreaberta*. São Paulo: Paulinas, 2012.

OLIVEIRA, Flavio. *Ecoeficiência: a gestão do valor ambiental* (Locais do Kindle 510-513). EPSE Editora. Edição do Kindle.

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de; SOUZA, Jose Carlos Aguiar de. *Consciência Planetária e Religião: desafios para o Século XXI*. São Paulo: Paulinas, 2009.

ONU. *A ONU e o meio ambiente*. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/acao/meio-ambiente/>>. Acesso em: 29 jul. 2018.

ORDINE, Nuccio (2016-02-03T23:58:59). *A utilidade do inútil: um manifesto* (Locais do Kindle 77-81). Zahar. Edição do Kindle.

PESSINI, Leo; BERTACHINI, Luciana; BARCHIFONTAINE, Cristhian de Paul (Orgs.). *Bioética, cuidado e humanização: humanização dos cuidados de saúde e gratidão*. São Paulo: Centro Universitário São Camilo; Edições Loyola; IBCC. Centro de Estudos. 2014. Vol. III.

ROCHA, Leonel Severo; MARTINI, Sandra Regina. *Teoria e prática dos sistemas sociais e direito*. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2016.

RODERVAL, Wilson. *Todo sistema de educação é educação ambiental: educação sem discriminação* (Locais do Kindle 487-492). Edição do Kindle.

SALOMÃO, M. M. A questão da construção do sentido e a revisão da agenda dos estudos da linguagem. *Revista Veredas*, Juiz de Fora, v. 03, n. 1, jan./jun. 1999.

SARTORI Simone; LATRÔNICO, Fernanda; CAMPOS, Lucila M.S. *Sustentabilidade e Desenvolvimento Sustentável: uma taxonomia no campo da literatura*. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/asoc/v17n1/v17n1a02.pdf>>. Acesso em: 08 jul. 2018.

SEBRAE. *Práticas sustentáveis viram vantagens para empresas e meio ambiente*. Disponível em: <<http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/praticas-sustentaveis-viram-vantagens-para-empresas-e-meioambiente,5adaa7deccc0c510VgnVCM1000004c00210aRCRD>>. Acesso em: 12 out. 2018.

SOTER (organização) Sociedade de Teologia e Ciências da Religião. *Sustentabilidade da vida e espiritualidade*. São Paulo: Paulinas, 2008.

SOUZA, Marcilon de. *Entre o Proposto e o Concreto: uma análise sobre políticas públicas e o meio ambiente em Criciúma/SC*. Disponível em: <<http://repositorio.unesc.net/bitstream/1/3991/1/Marcilon%20de%20Souza.pdf>>. Acesso em: 28. jul. 2018.

TZAL.ORG. *Fé e inserção do budismo tibetano no mundo moderno*. Disponível em: <<https://tzal.org/fe-e-insercao-do-budismo-tibetano-no-mundo-moderno/>>. Acesso em: 28 jul. 2018.

WOLFFENBÜTTEL, Cristina Rolim. Gestão da educação, currículo e interdisciplinaridade: perspectivas para a potencialização da Educação Básica. In: HOPPE, M. M. W.; WOLFFENBÜTTEL, C. R. (Orgs.). *Educação e interdisciplinaridade: perspectivas para a formação de professores*. São Leopoldo, RS: Oikos, 2014.

ZOBOLI, Elma Lourdes Campos Pavone. *A redescoberta da ética do cuidado: o foco e a ênfase nas relações*. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342004000100003>. Acesso em: 08 jul. 2018.